

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ANTONIA SHIRLEY ROVERE CAPELLATO**



1290001974



TCC/UNICAMP C171f

**FORMAÇÃO DE LEITORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DE VALINHOS**

1290001974

**CAMPINAS  
2004**

Bib id 344628

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TOC/Unicamp
	C171f
V:	1974
TOMAR:	86/2005
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	02/04/05
Nº CPD:	

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP

C171f Capellato, Antonia Shirley Rovere.  
Formação de leitores em uma escola pública de Valinhos (SP) / Antonia Shirley Rovere Capellato. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Norma Sandra Almeida Ferreira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Diversidade. 4. Crianças. 5. Leitores – Formação. I. Ferreira, Norma Sandra Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-193-BFE

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação**

**Antonia Shirley Rovere Capellato**

## **FORMAÇÃO DE LEITORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE VALINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para conclusão do Curso de Pedagogia, PEFOPEX - Programa de Formação de Professores em Exercício da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

**CAMPINAS  
2004**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Sandra de Almeida Ferreira**

**Segunda Leitora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Cação Fontana**

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho, ao meu pai, que há seis anos já não está entre nós. Mas tenho certeza que esteja onde ele estiver está muito feliz vendo realizar-se um sonho que foi dele antes de ser meu. Minha graduação em uma universidade.*

## AGRADECIMENTO

Como posso aqui citar todos a quem devo agradecer?

Minhas filhas, minha mãe, minhas colegas professoras que fizeram parte desta jornada.

Minhas amigas de todas as horas Alê, Clau, Fá, Lelê, Neu, Rô e Wa as quais devo muito.

Aos autores que deram embasamento à minha pesquisa.

A Pri, professora da sala em que fiz meu trabalho de campo, por sua colaboração e dedicação.

As crianças que me receberam de braços abertos.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Sandra A. Ferreira, que tornou possível a realização deste trabalho.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Cação Fontana que foi a segunda leitora e uma grande companheira.

A mim que apesar de tudo consegui chegar até aqui.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1</b>	
A Escola.....	11
<b>Capítulo 2</b>	
A Pesquisa: Questões e Caminhos Metodológicos.....	14
A Pesquisa.....	15
<b>Capítulo 3</b>	
A importância da Leitura na Escola.....	17
3.1. História da leitura.....	17
3.2. A importância de ensinar a leitura no Brasil.....	18
<b>Capítulo 4</b>	
O que é esta atividade, habilidade, prática e experiência chamada de "LEITURA"?.....	22
<b>Capítulo 5</b>	
Ser Leitor, Ser Letrado.....	26
Acróstico.....	31
<b>Capítulo 6</b>	
A professora, o grupo de crianças e a leitura.....	33
<b>Capítulo 7</b>	
Reflexão sobre as observações feitas durante a pesquisa.....	37
Primeiro dia da visita.....	37
Segunda visita.....	38
Terceira visita.....	41
Quarta visita.....	44
Quinta visita.....	48
Sexta visita.....	55
<b>Conclusão</b> .....	58
<b>Bibliografia</b> .....	62

### Anexos

Anexo I – Entrevista.....	65
Anexo II – Questionário com as crianças.....	67
Anexo III – Questionário com os pais.....	68
Anexo IV – Desenho das crianças.....	70

# FORMAÇÃO DE LEITORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE VALINHOS

ANTONIA SHIRLEY ROVERE CAPELLATO – RA 011607  
Faculdade de Educação – UNICAMP – PEFOPLEX - Pedagogia  
Orientadora: Prof.a Dr.a Norma Sandra de A. Ferreira

## RESUMO

Este trabalho buscou investigar em uma sala do Ciclo I Nível II, de uma escola pública de Valinhos, se as atividades propostas, colaboram na formação de leitores.

Nosso trabalho procura apontar o desafio que é a prática de leitura na escola, alguns problemas e tentativas de soluções.

Fizemos para isso um estudo sobre o tema e realizamos um trabalho de campo, cujo objetivo foi observar as atividades relacionadas à leitura, trabalhadas pela professora.

A pesquisa teve início a partir de questionários, que foram respondidos pelos pais e pelas crianças, e uma entrevista com a professora.

Sendo a leitura, parte de nosso dia a dia, cabe a escola, através de seus educadores, mediar a aproximação das crianças com a mesma, oferecendo leituras que venham ao encontro dos interesses, curiosidade, imaginação e expectativas das crianças, tornando o ato de ler uma prática constante em suas vidas.

## INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa aqui apresentado nasceu e foi crescendo a partir de uma paixão que já vem de longos anos, antes mesmo de eu saber ler e escrever.

A paixão pelas histórias, pelos contos populares que minha avó nos contava quando éramos bem pequenos.

Na comunidade onde cresci os livros eram coisas raras e as histórias orais faziam parte de nosso cotidiano.

Meu pai sentava-se na sala de nossa casa e nos contava histórias que eram ilustradas a partir de sombras que fazia aparecer na parede, sombras feitas com as mãos que iam formando figuras das quais sempre havia uma história a ser contada.

Meu tio Eduardo fazia para mim bonecas e bichinhos de retalhos, sabugo de milho, batata, chuchu e enquanto os executava ia falando sobre eles, aquelas histórias nascidas dos medos e vivências de nosso povo.

Quando entrei para a escola me senti realizada. A cartilha, hoje tão massacrada pelas críticas era para mim a coisa mais preciosa, eu queria aprender logo, não conseguia esperar para poder lê-la até o final.

Eu ouvi as histórias de Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Os Três Porquinhos e outras, mas os primeiros livros que li foram os de Monteiro Lobato, as histórias de Pedrinho, Emília, Narizinho, Dona Benta que me fazia lembrar minha avó.

A partir de tudo isso que vivi em minha infância e durante toda minha vida como professora, sempre procurei contar e ler histórias para meus alunos, pois gostaria que eles também descobrissem que através da leitura podemos desvendar segredos, mistérios, acrescentar saberes em nós mesmos algo que ninguém pode nos tirar e que ouvir, ler ou contar histórias é um direito que não deve ser exclusividade de ninguém, mas sim pertencer a todos.

E foi nesta busca incessante no desenvolvimento do gosto pela leitura que realizamos este trabalho de pesquisa baseado em leituras de autores que versam sobre o assunto e observações feitas em uma sala do Ciclo I Nível II, de uma escola pública de Valinhos.

Uma história longa e bem vivida  
Que faz parte de minha vida  
A fantasia, o real, a imaginação.  
Que plantaram em mim  
A semente da paixão  
Paixão esta que nunca morreu  
Nem sequer esmoreceu  
Não esteve dentro de mim, escondida  
Pois deia fiz um modo de vida  
Pôr para fora e passar para frente  
A toda hora e para toda gente  
Conto por quem morro de amores  
São "os livros", "a leitura"  
Por isso a grande importância  
Que dou à Formação de Leitores.

(Shirley, 2004).

## CAPITULO 1

### A ESCOLA

Esta pesquisa foi realizada na EMEF "Carlos de Carvalho Vieira Braga", localizada a rua Maria Fonseca de Carvalho, 75. Bairro Jardim Pinheiros, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Valinhos.

A escola, além das crianças do bairro onde está localizada recebe também crianças dos bairros vizinhos. Os critérios de zoneamento são feitos pela Secretaria de Educação do Município, através de um levantamento de dados para saber o número de crianças em idade escolar existentes nestes bairros e também por um levantamento de endereços a partir do qual indica-se aos pais onde deve ser feita a matrícula das crianças na escola mais próxima.

A Secretaria da Educação do Município também faz a distribuição gratuita de passes escolares para crianças, cujos pais não têm condições financeiras para adquiri-los.

A escola atende plenamente à demanda de procura de vagas, pois a cidade de Valinhos preocupa-se em atender todas as crianças em idade escolar, principalmente do Ensino Fundamental.

Consta também do levantamento feito anualmente pela coordenação e direção da escola a informação de que nos últimos dois anos o índice de evasão escolar foi zero.

A escola está instalada em prédio próprio pertencente à prefeitura de Valinhos. Neste prédio há um bloco com oito salas de aula, uma videoteca, uma biblioteca, palco para atividades sociais e culturais, dois pátios cobertos, onde são realizadas atividades recreativas e onde é servida a merenda. Num dos pátios há um bebedouro com filtro e várias torneiras, dois banheiros sendo um masculino e o outro feminino.

A escola possui também uma quadra descoberta onde são realizados jogos, atividades recreativas e educação física.

No prédio anexo às salas de aula encontra-se a parte administrativa, secretaria, diretoria, sala de professores, sala do dentista, sala de jogos pedagógicos, sala de informática e banheiros.

Há também áreas livres, algumas com plantas, outras gramadas e um local que é usado como estacionamento pelos funcionários da escola.

O espaço da biblioteca é uma sala de aula adaptada de 8,5 m de comprimento por 4,5 m de largura. No ano de 2002, a sala recebeu pintura nova, persianas nas janelas, um tapete, algumas almofadas, algumas prateleiras e quatro jogos com mesa redonda e quatro cadeiras para cada um.

A biblioteca é arrumada muitas vezes, mas não permanece organizada durante muito tempo, pois não há uma pessoa responsável por ela. Qualquer pessoa da escola pode entrar e pegar qualquer um de seus livros. Por causa disso muitos livros desaparecem.

Na tentativa de manter a biblioteca mais organizada e evitar o desaparecimento ou destruição de seu acervo, a inspetora de alunos passou a cuidar da mesma durante um tempo estipulado, todos os dias, para controlar as saídas e entradas dos livros. Cada série tem um dia da semana programado para ir até à biblioteca para que os alunos possam pegar o livro que desejam levar para casa para ler. O prazo de devolução é de uma semana, podendo renovar, caso não tenha terminado a leitura.

Mesmo assim, segundo a inspetora de alunos e pelo que pude observar como professora nesta escola, o funcionamento da biblioteca continua inadequado, muitos livros continuam desaparecendo e não temos o controle da quantidade exata dos existentes na biblioteca.

O horário de funcionamento da escola é estipulado pela Secretaria da Educação do Município, sendo assim são atendidas no horário da manhã com entrada às 7:30 e saída às 11:30 h, as crianças do Ciclo II, Níveis III e IV e à tarde com entrada às 13:00 e saída às 17:00 h, as crianças do Ciclo I, Níveis I e II.

A proposta pedagógica da escola está contida no PPP (Projeto Político Pedagógico) que é formulado a cada dois anos com a participação de todas as professoras, coordenadora, diretora, pais e demais funcionários da escola.

A partir do PPP nós, professores, elaboramos o Plano Anual de Ensino, do qual constam os objetivos gerais de cada área e os conteúdos que deverão ser trabalhados durante o ano em cada Ciclo, estes conteúdos são elaborados a partir dos PCNs.

Além do Plano Anual de Ensino, nós professores separados por Ciclos e Níveis, elaboramos o Planejamento Bimestral, onde estão contidos os

objetivos específicos de cada conteúdo que vai ser trabalhado, assim como as estratégias, o tipo de avaliação e recuperação que será feita em cada bimestre.

Todas as semanas, nós, professoras, cumprimos duas horas de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo). Nesses encontros discutimos o andamento do processo ensino-aprendizagem e, se necessário de acordo com os temas abordados, a coordenadora ou mesmo, nós, professoras, trazemos livros ou textos que possam dar suporte aos assuntos em pauta. São nesses horários que fazemos a reformulação do PPP e planejamos os projetos a serem desenvolvidos na escola.

*“– Que caminho acha que devo seguir?”*

*–Depende do lugar onde você queira ir – respondeu o gato.*

*–Tanto me faz um lugar como o outro – disse Alice.*

*–Então, também pouco importa o caminho – replicou o gato.”*

*(Lewis Carol)*

## CAPÍTULO 2

### A PESQUISA: QUESTÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nos últimos anos, um tema está sempre na pauta de discussões quando nós, professores da escola, onde trabalho e onde desenvolvi esta pesquisa, nos reunimos: "O gosto pela leitura, ou melhor, o que fazer para que as crianças gostem de ler".

Segundo a maioria dos professores e de pais, as crianças não gostam de ler. Será esta afirmação verdadeira? Por que isto acontece? O que fazer para torná-los leitores?

Com estas perguntas e com um olhar para o meu trabalho como professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, investiguei um pouco mais profundamente como se dá o processo de formação de leitores.

Num primeiro momento, a partir de minha experiência como professora e questionários respondidos pelos pais, observei que a maioria das crianças que freqüentam a escola onde trabalho e na qual desenvolvi esta pesquisa, são provenientes de famílias em cujo contexto social a leitura não é uma prática incentivada dentro de suas casas. Jornais e revistas não fazem parte do seu universo cultural familiar.

Depois de aplicar os questionários com os pais e as crianças, foi possível a partir das respostas dadas fazer uma análise, através da qual, pudemos caracterizar que são poucas as crianças que têm alguém que lê para elas e que em sua maioria só entram em contato com o livro de literatura quando de seu ingresso na escola.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho foi conhecer melhor este universo ligado aos livros de nossos alunos e para ter dados ainda mais precisos fizemos uso também de uma entrevista com a professora e visitas a sala, em questão, buscando desta maneira aprofundar algumas hipóteses referentes à formação dessas crianças como leitoras de livros de literatura. Para isso fizemos uso dos seguintes questionamentos:

a)As crianças não gostam de ler? Por quê?

b)Essas crianças têm mesmo a idéia de que ler um livro é "chato"? Por quê?  
Como é construída esta idéia?

c) Como aproximar essas crianças dos livros e construir com elas o gosto pelo hábito da leitura de livros de literatura?

d) De que maneira a escola pode contribuir na formação de leitores?

e) Qual o papel do professor?

## A PESQUISA

Para atingir o objetivo ao qual me propus, observei na EMEF "Carlos de Carvalho Vieira Braga", crianças do Ciclo I, Nível II. Durante as seis visitas feitas a esta sala, observei as aulas em que a professora trabalhou a leitura de livros de literatura, realizando anotações em um diário de campo.

O método de pesquisa foi qualitativo do tipo etnográfica, pois estive observando uma sala de aula levando em consideração este fenômeno educacional sem esquecer que ele está inserido num determinado contexto social. Fiz também entrevistas com questionários formulados que foram respondidos pelos pais, pelas crianças e uma entrevista com a professora da sala observada. Esta entrevista e o modelo dos questionários usados com os pais e as crianças estão anexados no final do trabalho.

Segundo André (apud. Bertolani, 1999):

*"O estudo da atividade humana em sua manifestação mais imediata – o existir e o fazer cotidiano – parece fundamental para compreender, não de forma dedutiva, mas de forma crítica e reflexiva, o momento maior da reprodução e da transformação da realidade social". (p.39)*

Durante o processo de pesquisa foi feita uma análise dos dados obtidos e reformuladas estratégias de acordo com as necessidades que foram se apresentando, para que pudesse chegar ao por quê e se essas crianças apresentam uma resistência em relação à leitura, principalmente de livros.

Este tipo de pesquisa me permitiu fazer uma análise através do decorrer do desenvolvimento do trabalho das relações sócio-históricas que fazem parte da comunidade envolvida no projeto.

Com o objetivo de observar e analisar os acontecimentos no cotidiano real em que atuam os atores participantes desta pesquisa, pretendi compreender através de uma análise crítica e de uma reflexão, as

transformações que ocorreram através das dinâmicas das práticas de ensino-aprendizagem desenvolvidas ao longo do processo da pesquisa e se essas transformações possibilitaram a criação do gosto pela leitura numa maior possibilidade da formação de indivíduos leitores.

*“... Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... É continua, lindamente, sendo exatamente isso!” (Abramovich, 1991, p.14).*

## Capítulo 3

### A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA

#### 3.1. *História da leitura*

Antigamente as mudanças no mundo cultural eram mais lentas, as informações, os conhecimentos dos indivíduos podiam ser transmitidos oralmente de geração em geração.

A primeira grande mudança segundo Chartier (1998) em "*A aventura do livro: do leitor ao navegador*" podemos verificar através da história que até meados de 1450, os livros em sua maioria, voltados a assuntos religiosos, eram manuscritos e pouquíssimas pessoas a eles tinham acesso, mesmo porque a maioria da população não sabia ler. Com a invenção por Gutenberg, da prensa com seus tipos móveis que permitia o aumento da tiragem, os livros tornaram-se mais baratos, gastavam menos tempo em sua reprodução. Esta descoberta não só provocou uma grande revolução como também foi cada vez mais estimulada para atender aos interesses dos poderosos (comerciantes).

Só no século XVIII, com a revolução industrial, tecnológica e científica, com uma intensa participação popular, cultural, na luta pela expansão das oportunidades de acesso ao saber, é que a leitura assume um caráter mais democrático e popular. Os burgueses acionam a indústria da cultura e a escola torna-se a instituição principal para o ensino dos valores da nova sociedade que se institui. A escola é o intermediário entre a criança e a cultura a leitura dos livros é amplamente incentivada.

A leitura já foi defendida e divulgada para atender diferentes finalidades: impedir o excesso de fantasia, sendo informativas e evangelizadoras; ser ponte para a liberdade e ação emancipadora; como controle de uma determinada classe por outra.

Também a leitura foi punição e proteção para o escritor dentro dos padrões e gostos dos poderosos, principalmente da Igreja, em que havia a proteção e prêmio, mas, para o autor indesejado havia a punição até morrer queimado em uma fogueira.

Não só o conteúdo, o que se lê, torna-se aspecto a ser controlado, mas também, o local e a posição do corpo quando e onde se lê, também são aspectos que direcionam a prática de leitura. Chartier (1999), comenta que entre

os séculos XIV e XIX, a leitura esteve ligada a um ambiente isolado, "*distante de outros divertimentos mundanos*". O leitor deveria, nestes lugares, censurar seus movimentos espontâneos e reprimir seus afetos. Segundo o autor, foi no século XVIII que o leitor passou a ser representado lendo na natureza, lendo andando, lendo na cama, [...] "*permitindo-se comportamentos mais variados e mais livres*[...]"(p.78).

Assim, o espaço onde a leitura é feita deve imprimir no leitor a condição, o modo de ser: uma atitude livre informal, para passar o tempo, para dar asas a sua imaginação, ou obrigatória para se rezar, salvar as almas, estudar.

Entre essas mudanças, houve uma que realmente revolucionou a história da leitura, a presença do uso do computador para ler.

Em todas as mudanças de suporte de texto, o livro sempre se manteve, na forma de codéx. Porém, com o texto eletrônico, via internet, muda-se a forma de apresentação da leitura e com isso, o papel do produtor, editor, do crítico e até mesmo os gestos e modos de ler.

Mas será que isto fará desaparecer a cultura do livro? A internet possibilita a universalidade do intercâmbio de idéias, a massificação e uma forma de ler ligada à busca de informações rápidas. Mas o livro dificilmente será substituído quando procurado por lazer, divertimento, proximidade, familiaridade, pois é a isso que um bom livro está associado, quando se é um leitor.

E se o livro, um dia desaparecer, com ele, desaparecerá todo um universo de gestos, habilidades, competências, modos de ler de uma comunidade de leitores acostumados com este objeto.

### **3.2. A importância de ensinar leitura no Brasil**

A história da leitura no Brasil apresenta vários entraves e dificuldades. O acesso ao conhecimento tem sido lento por diferentes motivos: grande parte da população é analfabeta, não tem livros, por motivos diversos (falta de tempo, de dinheiro, de incentivo e outros).

Não há escola para todos, não há uma proposta política que realmente envolva todos os interessados (editora, livraria, escola, governo, família) em uma espécie de mutirão na formação de leitores.

A maioria das nossas crianças só tem oportunidade de conhecer um livro quando chega à escola, nesta perspectiva a escola assume grande importância na formação de leitores, função que nem sempre consegue êxito. Esta importância deve ser privilegiada desde o momento em que a escola se propõe a ensinar a ler e escrever, aproveitando da curiosidade que se manifesta para o verbal desde a mais tenra infância.

Desde os três ou quatro anos, as crianças pedem para sua mãe ou sua professora que lhes ensinem a ler! É claro que essa curiosidade não é a mesma em todas as crianças: o grau de motivação e de exigência variam enormemente de uma para outra, e, sobretudo de um meio social para outro. Mas a criança pequena descobre com desenvoltura os elementos da linguagem escrita que lhe apresentam e que respondem às suas necessidades e aos seus interesses.

A criança chega à escola com uma vasta experiência de aprendizagem que em muitas ocasiões é lamentavelmente ignorada pela professora, pois até o momento do seu ingresso na escola, ela já está inserida numa cultura letrada. É assim que a criança, antes de chegar à escola, já aprendeu a usar sua língua de tal forma que se faz entender por sua família, amigos e/ou vizinhos, respondendo perguntas, reproduzindo histórias, relatando fatos, experiências, reconhecendo objetos ou elementos de seu meio. (Barreto, 1981).

Barreto (1981) assinala que, para muitos professores, as crianças pobres não têm cultura, mesmo quando se consideram as diferentes concepções freqüentemente associadas ao termo "cultura". Os grupos de baixa renda são acusados de não a possuírem por serem:

*" analfabetos ou apresentarem baixa escolaridade, quando se atribui à cultura o sentido de escolaridade; grosseiros e ignorantes, quando a cultura é entendida como polidez e refinamento; carentes, quando se representa a cultura como um modo de ser e de proceder e uma forma de transmitir isso aos filhos, o que é peculiar a determinado grupo da sociedade" (p. 88).*

Em outros estudos, Costa (1993) constatou que, além do julgamento do professor constituir, muitas vezes fator de risco para o sucesso escolar, existe muitas diferenças entre o ponto de vista do professor e o ponto de vista dos

alunos no que diz respeito ao comportamento, aos aspectos emocionais e à competência social destes últimos.

Em síntese, nos estudos até aqui descritos, existe um certo consenso entre os pesquisadores de que os fatores sócio econômicos culturais podem influenciar no rendimento escolar. No entanto, esses fatores não são suficientes para explicar os altos índices de fracasso escolar nas séries iniciais do ensino fundamental, pois sabemos da influência dos programas de televisão, por exemplo, na aprendizagem de muitas crianças. Isto significa que as crianças recebem muitas informações dos diferentes meios, em que a TV é um deles, que as cercam e que as levam a ter um conhecimento do mundo, da leitura e da escrita.

Os problemas que se apresentam no processo da aprendizagem são muitos e de índoles diversas, estando relacionados com os educadores, com a escola em geral, com os pais, com outras instituições de caráter político social. Um deles é o aumento significativo do número de alunos e alargamento da faixa de escolarização sem proporcionar condições para que o estudante seja atendido como deveria e sem oferecer condições de trabalho para que o professor possa desenvolvê-lo com competência e dignidade sem ter que enfrentar alguns desses problemas.

É muito importante que os educadores levem em consideração o nível de aprendizagem que cada criança tem, e busque caminhos mais adequados e criativos para iniciar as crianças no processo da leitura, pois a não consideração deste aspecto contribui para o fracasso escolar.

Algum tempo atrás muitos professores acreditavam que muitas crianças não conseguiam aprender a ler, porque não estavam capacitadas para aprender, sem levar em consideração as suas experiências prévias com a linguagem escrita.

Como afirma Martins (1994):

*“... a função do educador não é só a de ensinar a ler, mas de criar condições para que o aluno possa realizar sua própria aprendizagem, de acordo com seus interesses e necessidades, para que possa assim entender o sentido, significado e valor do que é o ato de ler e escrever”. (p.203).*

A importância e a necessidade do ato de ler para os professores e os alunos são inegáveis; entretanto é preciso analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é dirigido no contexto escolar.

Silva e Zilberman (1986) falam sobre o papel da educação escolar no desenvolvimento da leitura, eles consideram que a pedagogia da leitura não tem conteúdo exclusivamente didático e técnico dependendo também, e principalmente, do projeto político teórico que a fundamenta.

Devemos então, colocar em primeiro plano um projeto que viabilize a formação de leitores na escola, proporcionando textos diversos e oportunidade de ler cotidianamente, podendo desta maneira tornar nossos alunos aptos a entender os sentidos dos textos.

Levando em consideração a falta de contato ou a pouca familiaridade com o livro na vida dessas crianças, nós educadores, temos a obrigação de promover diariamente a leitura em sala de aula e nos espaços disponíveis ou que venham a ser criados nas dependências da escola, promovendo também conversas, reflexões e debates sobre os livros lidos, organizando atividades culturais como: feira do livro, visitas às bienais e às editoras, e o que é mais importante ser um leitor, mostrando na prática da leitura como é prazeroso ler e aprender com o livro.

Na escola deve haver tempos e espaços para que as crianças possam ler por ler sem cobranças, apenas para sentir o prazer que a leitura pode nos proporcionar. Devemos mostrar às crianças que a leitura pode ser uma coisa “mágica” e que pode ser compartilhada com a família, os amigos e que ela não precisa ser uma coisa inativa, pelo contrário, a leitura pode nos fazer entrar num mundo de conhecimentos, ampliando nossos horizontes, nos fazer trilhar os caminhos mágicos das palavras.

Todas as escolas poderiam ser lugares onde as crianças pudessem vincular a leitura não somente a um conjunto de regras de decifração, mas a possibilidade de ascender ao significado do texto e ao prazer de ler. Devemos ter um lugar para saborear contos, uma biblioteca com um acervo bem selecionado, um espaço tranqüilo onde as crianças possam manusear os livros sem cobranças sobre suas atividades. Neste caso, o professor será o intermediário entre a criança e o livro, já que está aí como suporte e orientador, levando em conta que o interesse da atividade em si é o prazer que dela pode

se desprender, o afeto que envolve e o fato de que as crianças vejam que é uma atividade prazerosa, sedutora e encantadora.

Mesmo não possuindo esses espaços em nossas escolas, podemos superar todos os entraves dando um jeitinho para construir e manter acesa a chama do interesse e do gosto pela leitura de livros, fazendo uso dos espaços existentes, criando os momentos e aproveitando os livros doados, emprestados e comprados.

## CAPITULO 4

### O que é esta atividade, habilidade, prática e experiência chamada de “LEITURA”?

Todos os pesquisadores sobre leitura ressaltam a sua importância; à medida que o ler forçosamente leva a pensar num sujeito que, produzindo sentido, torna-se capaz de mergulhar no significado do texto, no seu próprio significado enquanto ser humano e no significado do mundo. Eles ressaltam, portanto, a importância da leitura como forma de descoberta do mundo da escrita no qual a criança leitora pode e, através da educação escolarizada, deve se situar.

O ato de ler pode numa perspectiva psicolinguística (Kleiman, 1996) em decorrência de sua natureza, revestir-se de uma dimensão cognitiva caracterizada pela relação entre o homem, a linguagem e o mundo que o cerca. Isso assegura a primazia de um sujeito e da sua capacidade de interação com tudo que o rodeia através de habilidades cognitivas e metacognitivas.

Há diferenças entre ver e olhar, ouvir e escutar. Então ler não é somente passar os olhos sobre o escrito, não é fazer uma versão escrita ou oral de um escrito. Ler significa mais que isso: significa questionar a si mesmo, questionar o mundo, operar com a escrita para construir ou reconstruir respostas que integram parte das nossas informações ou das que já se tem um conhecimento prévio.

Segundo Paulo Freire (1984), numa concepção de educação do homem transformadora e conscientizadora, o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alarga na inteligência do mundo. *“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da leitura daquele”.* (p.90).

Estabelecida à relação de conhecimento entre o homem e o mundo, e isso deve ser feito em toda a sua amplitude, deve-se investir no desenvolvimento do sujeito-leitor com vista a sua maturidade, e sua completude.

O conceito de leitura liga-se por tradição ao processo de desenvolvimento global do indivíduo e a sua capacidade para o convívio social, econômico, cultural, religioso e político nas diferentes sociedades. É por isso que pensar a leitura é necessariamente, como já foi dito, pensar num sujeito que se torna capaz de entranhar-se na sua própria significação e na significação do mundo.

Pela História Cultural (Chartier, 1996; Certeau, 1992) desde que temos contato com o mundo, começamos a ler na interação com o nosso ambiente, com os adultos, etc. Aprendemos a ler com e por outros leitores: seus gestos, suas competências, suas finalidades, motivos, seus usos.

Cada ato de leitura ou de escrita traz para cada indivíduo algo que é singular e algo que é compartilhado socialmente. Assim é que o indivíduo, logo que exposto ao mundo letrado, compartilha, aprende com sua comunidade de leitores, determinadas expectativas, necessidades, convenções, habilidades, competências, maneiras de ler e de escrever. As práticas de leitura ensinadas, aprendidas, em nossas comunidades dão forma aos nossos gestos e modos singulares de ler.

Leitura e escrita não são processos universais, naturais, imutáveis. Aplicam-se às práticas diversas, são entendidas diferentemente por comunidades de leitores e escritores. A escola forma uma dessas comunidades: a de leitores escolarizados. Como a escola tem formado seus leitores? Que práticas são incentivadas, que livros são indicados, que gestos e habilidades são ensinadas? Mas como podemos conhecer o que seja o ato de ler e de escrever, no que tem de comum e de diferente quando os indivíduos o praticam?

Inúmeros escritores têm refletido sobre o que significa ler e escrever, e têm apontado pistas de como eles vêem essas práticas. Para Manguel:

*“... a leitura é a apoteose da escrita...” O que seria essa apoteose da escrita, a glorificação, o momento máximo, sua cena final? Uma traz consigo a outra, uma ilumina a outra, dá sentido a outra, uma não existe sem a outra. Estão articuladas, imbricadas, interligadas.(p.208)*

Manguel sobre a relação entre escritor e leitor: "... escritores geram leitores, que por sua vez geram escritores".. (p.209). Num processo de geração, no ato de gerar, fazer aparecer, produzir. Assim é que lemos o que escrevemos, escrevemos aquilo que lemos, lemos para escrever. Escrevemos para ler, lemos porque há escritores, escrevemos porque há leitores. Texto, autor e mundo espelham-se uns nos outros no ato de leitura, o leitor traz em si o escritor.

Há a necessidade de existir um leitor para o escritor e um escritor para o leitor, assim como só existe leitura se houver escrita e a escrita só ganha vida na leitura.

Já para Certeau (1992) a escrita é uma prática mítica, moderna que vem organizando todos os instantes de nossa vida, nesses quatro últimos séculos. Mas, por que mítica?(p.225). Sustentada por um discurso fragmentado por uma sociedade que se articula em torno destas experiências, depositando neste mito um conjunto de crenças, valores, práticas. *"Escrever é uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi perversamente isolado"*.(p.226).

O escritor tem que enfrentar a página em branco, espaço de produção para o sujeito, do seu domínio diante de um objeto, do seu querer fazer. O escritor é aquele que terá que gerir um espaço próprio ao mesmo tempo distinto, estabelecendo um afastamento e uma distância em relação ao mundo ao seu redor. Há também a necessidade de articulação de diferentes operações gestuais e mentais, num processo "itinerante", progressivo e regulamentado, capaz de fabricar, de desenhar letras, palavras, frases sobre o não lugar da folha de papel. Enfim, escrever é "... imaginarmos ter como alvo à realidade de que se distinguirá em vista de mescla-la...", atuar sobre sua eternidade.

Se para Certeau (1992), escrever é uma prática que "usina" diferentes fragmentos e materiais lingüísticos para a busca de uma ordem, a leitura é sempre uma caça furtiva em terras alheias, uma caça fora de temporada.

*"Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando*

*no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste no tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido. Com efeito, a leitura não tem lugar: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o telespectador lê a paisagem da sua infância na reportagem da atualidade. A telespectadora que diz da emissão vista na véspera: "E ra uma coisa idiota, mas eu não desligava", qual era o lugar que a prendia, que era e, no entanto não era da imagem vista? O mesmo se dá com o leitor: seu lugar não é aqui ou lá, um ou outro, mas nem um nem outro, misturando-os, associando textos adormecidos, mas que ele desperta e habita, não sendo nunca o seu próprio. Assim, escapa também à lei de cada texto, como à do meio social."(p. 291).*

Deste modo, podemos perceber o quanto à prática da leitura e da escrita assume um caráter multifacetado, complexo, fluido. O que só exige, de nós, educadores, um melhor investimento no objetivo de formar leitores na escola. A leitura enquanto produtiva caça, busca, colhe sentidos no texto e no próprio leitor, relaciona-se com os interesses, desejos, expectativas e conhecimentos, do leitor, permite que ele socialize seus novos conhecimentos, promova uma outra construção a partir dos novos conhecimentos, tornando-se um leitor assíduo, que lê por sua própria escolha e lê porque se transforma quando lê.

## CAPITULO 5

### SER LEITOR, SER LETRADO

Comumente se entende a alfabetização como o processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. De fato, a alfabetização está intimamente ligada à instrução formal e às práticas escolares, e é muito difícil lidar com essas variáveis separadamente.

Do ponto de vista sócio - interacionista, a alfabetização enquanto processo individual não se completa nunca, visto que a sociedade está em constante processo de mudança e há necessidade de atualização para acompanhar essas mudanças constantes.

A palavra letramento foi dicionarizada muito recentemente no ano de 2003, na língua portuguesa. A palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa literacy, que é o estado ou condição que assume o indivíduo que aprende a ler e a escrever, implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire o grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita.

O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Todavia também procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada.

A distinção entre ser ou não ser letrado tem sido fundamentada basicamente a partir de duas perspectiva. Na primeira delas, a dicotomia letrado/não letrado tem substituído sociedade moderna/ sociedade primitiva.

Essa posição decorre do fato de muitos pesquisadores acreditarem que, as diferenças cognitivas entre os indivíduos pertencentes a sociedades tecnologicamente avançadas e, aqueles pertencentes a sociedades tradicionais são inúmeras e profundas. Para esses estudiosos, por exemplo, a capacidade

de abstração decorre de habilidades que se relacionam ao uso e à função da palavra escrita.

Segundo esse ponto de vista, o indivíduo letrado é aquele que apresenta um desenvolvimento da linguagem e do pensamento após o acesso às formas especializadas do texto escrito. Essa concepção fundamenta a versão de que a escolarização em sociedades tecnologicamente avançadas é a via autorizada para o desenvolvimento cognitivo que permite a abstração, classificação e seleção por sujeitos falantes.

A segunda perspectiva considera que, como consequência da complexidade estrutural das comunidades, existem diferentes tipos de letramento. Assim, precisamos pensar em letramento num campo abrangente, envolvendo todo o contexto social. Consideramos que qualquer sociedade deve contemplar o letramento não somente como um processo relacionado ao sucesso escolar, mas também como um processo de vários alcances. Esse processo deve ser ainda tomado como uma forma agradável de adquirir conhecimento e desenvoltura para as atividades cotidianas de uma pessoa, para mantê-la, desde muito cedo, em contato com os livros e outros tipos de materiais escritos.

Usaremos o termo letramento para referirmo-nos a um processo vivido através de várias experiências, que torna o material escrito significativo aos sujeitos e que compreende, portanto, as atividades escolares e aquelas que ocorrem fora do ambiente escolar. Esse processo dinamiza os conhecimentos prévios do leitor de tal forma que o sentido dos textos é efetivamente compreendido pelos sujeitos.

Podemos dizer que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento como prática social, mas apenas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessário para o sucesso e promoção na escola. Já as outras agências de letramento, como a família, a rua, lugares de trabalho, de diversão, a igreja, podem mostrar orientações de letramento muito diferentes. Segundo Soares (1998):

*“Letramento é muito mais que alfabetização, é um estado uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita”.*( p.44).

Em toda sociedade letrada, os homens desenvolvem quatro habilidades no uso da língua: falar e escrever, ouvir e ler. Evidentemente, não se verifica uma distribuição eqüitativa do tempo no desempenho dessas atividades como mostra Aguiar (1991): ler e escrever são duas atividades com valores desiguais, já que se dá mais valor à escrita do que a leitura, e até descontraídas, considerando-se as condições e os interesses dos diversos segmentos sociais. O certo é que ler e escrever são hoje duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas despendido e do contingente de pessoas que as praticam. Nestes termos, a alfabetização deve ser entendida como um processo crítico de letramento e não é apenas a simples habilidade de ler e escrever.

Ser alfabetizado significa que a pessoa superou um estágio de sua vida para ter acesso à cultura letrada.

Alfabetizar implica dotar a criança da habilidade para ler, entretanto, não implica, necessariamente, convertê-la em um leitor assíduo.

Se a escola pretende ser o espaço onde a criança vai desenvolver-se progressivamente como leitora, ela não pode limitar suas atividades de ensino a uma instrução inicial. Há uma grande necessidade de expor a criança a uma gama variada de textos, permitindo-lhe envolver-se com a leitura.

Através da experiência da leitura, a criança poderá vir a compreender seu mundo e interagir com ele.

Quanto mais pensamos na importância da leitura na vida do indivíduo no mundo atual, cada vez mais nos conscientizamos do destaque que se deve dar a leitura na escola, principalmente nas séries iniciais. É incontestável, antigo e concreto o vínculo entre leitura e escola, que se tornou indiscutível em termos sociais, pois todos vamos ou fomos à escola para aprender a ler e escrever. A escola enfatiza a alfabetização e esta se torna um direito inalienável, reclamado por todos os segmentos da sociedade.

Como menciona Kramer (1995)

*“... discutir os fatores que se devem privilegiar no ensino da leitura e da escrita, significa colocar em pauta os fatores determinantes da alfabetização, e a necessária averiguação sobre a extensão e seus limites”. (p.31).*

A escola espera do aprendiz não um desenvolvimento gradativo da capacidade de ler e escrever, mas um comportamento de letrado desde o início de seu processo de letramento. Faz-se necessário darmos à criança o tempo de que ela necessita para apropriar-se dos conceitos e concepções do adulto letrado.

Diferentemente do ensino da linguagem falada, através da qual a criança pode se desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende do ensino formal. Esse ensino requer atenção e esforços enormes por parte do professor e do aluno, à medida que pode ficar fechado em si mesmo, relegando a linguagem escrita “viva” a um segundo plano. Ao invés de se fundamentar nas necessidades naturalmente desenvolvidas pelas crianças e na sua própria atividade, a escrita lhes é imposta de fora, vinda dos professores. Como é o caso do processo de desenvolvimento de uma habilidade técnica, como por exemplo, o tocar violão: a criança deve desenvolver a destreza de seus dedos e aprender quais são as cordas que deve tocar ao mesmo tempo em que lê a partitura; no entanto, neste caso, a criança não está, de forma nenhuma, envolvida na essência da própria música.

Martins (1982), diz que a psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente. Esta constatação mostra a importância da memória, que tem um papel muito relevante na vida, na leitura da palavra escrita. Porém o que é considerado material de leitura na escola está longe de propiciar um aprendizado tão vivo e duradouro, já que só se ensina a decodificar as palavras, mas não a ler ativamente, a selecionar seus próprios livros, nem a resolver seus problemas e, além disso, as escolas nem sempre contam com boas bibliotecas, e quando elas existem, na maioria das vezes são consultadas apenas para pesquisas.

Como podemos exigir de nossos alunos que sejam bons leitores, que compreendam o que estão lendo, que tenham interesse pela leitura, se os mesmos professores que são os encarregados de mostrar, motivar, investigar, buscar leituras, em muitos casos nem conhecem os recursos que a leitura pode lhes proporcionar?

Sendo assim, a escola e os educadores têm que ter plena consciência de suas atitudes diante do que é dado para que as crianças leiam, ou melhor, que tenham e que oportunizem a seus alunos terem uma postura crítica diante do que lêem.

Quando se fala sobre o ensino da leitura temos também que pensar no processo pelo qual o aluno aprende a solucionar seus problemas com a orientação do professor, com a colaboração dos colegas, sofisticando cada vez o seu repertório e as suas competências enquanto um ser humano em evolução.

Segundo Silva (1984), muitas pesquisas educacionais realizadas no Brasil mostram que as escolas, ao invés de promoverem e dinamizarem a leitura podem “matar” o potencial de leitura dos alunos. O professor, seus métodos e materiais são de importância primordial em função do êxito ou fracasso na aprendizagem da leitura. Se as escolas empregarem métodos e materiais que se ajustam ao desenvolvimento conceptual da criança, as competências da leitura podem desenvolver-se de uma maneira produtiva e natural.

Uma vez que a maioria das crianças brasileiras entra em contato com o material impresso, principalmente o livro, nas escolas e que a maioria delas não tem recursos financeiros para a aquisição de livros, cabe a escola o desempenho da tarefa de aproximação dessas crianças com um material de leitura que tenha significado e que os aproxime cada vez mais do letramento.

Silva (1984), preocupado com o problema do ensino da leitura no país, coloca esta situação como um ponto crucial para o desenvolvimento do ensino e sugere que se deve partir para a luta.

Objetivando um projeto educacional, onde todos que fazem parte da escola participem de sua elaboração e que este seja voltado às reais necessidades de sua clientela, mesmo que para isso tenha que se mudar os modos de funcionamento e organização da escola.

Não podemos de maneira alguma continuar a usar predominantemente os textos didáticos, apenas com a finalidade de avaliarmos os alunos em sua leitura oral, seu entendimento a respeito dos textos e outros tipos de atividades cobradas e impostas, dando ao aluno a idéia de que ler é "muito chato". Para a formação de um bom leitor é preciso saber incentivar a leitura como uma forma de lazer e prazer, ou melhor, mais que isso temos que permitir que a criança tenha a liberdade para escolher o livro de seu interesse para que possa desenvolver sua imaginação, se expressar sem ser recriminada, desenvolvendo sua autonomia, lendo porque quer e não só quando for solicitada.

Sem medo de perder o controle sobre o trabalho realizado pelo aluno, devemos sem sombra de dúvidas proporcionar inúmeros momentos onde ele possa ler para si mesmo e não para os outros. Deixemos também que a criança escolha a leitura que quer fazer, muitas vezes o que mais nos preocupa é o tipo de leitura escolhido, mas até mesmo isto podemos usar como incentivo para novas e diferentes leituras deixando a disposição tipos variados da mesma. Não podemos esquecer que as crianças se influenciam mutuamente e que isto pode vir a ser um instrumento para que as crianças experimentem novas leituras e que por elas venham a se apaixonar. Também o professor pode ler com seus alunos e indicar a eles leituras já feitas por ele.

Todos os instrumentos que possam ser usados para focar o interesse pelo livro e pela literatura devem ser usados, porque nada neste mundo nos proporciona tanta liberdade como a leitura de um livro, pois esta pode nos levar onde quisermos ir sem que para isso tenhamos que sair do lugar.

## **ACRÓSTICO**

**L**er nos leva ao infinito

**E**leva-nos até o céu

**R**elembra o já visto

**E** nos torna enobrecidos

**S**entimento de liberdade

Confunde-se com a prisão  
Reporta-nos ao passado  
E torna presente então  
Vários momentos já vividos  
Enquanto continuamos indo  
Rumo ao nosso destino

Eleva-nos até o céu  
Xícara de açúcar e mel  
Invade nosso ser  
Sem deixar em nós a solidão crescer  
Toma-nos como um furacão  
Ira e paixão  
Revela descobertas mil

Satisfaz nossa curiosidade  
Eleva nossa imaginação  
Recordando, acrescentando emoção.

(Shirley, 2004).

## CAPITULO 6

### A PROFESSORA, O GRUPO DE CRIANÇAS E A LEITURA.

Antes de partir para a análise das aulas observadas, descreverei alguns aspectos do grupo de crianças, da professora e da sala.

O grupo de crianças é composto por vinte e nove alunos, sendo dezoito meninos e onze meninas. É um grupo bastante heterogêneo, pois as idades variam entre oito e dez anos, alguns já estão na fase de letramento, enquanto outros ainda não estão totalmente alfabetizados.

Segundo Soares (1998):

*“Letramento – resultado ou ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais... ter se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (p.39).*

A maioria das crianças desta sala são bastante ativas e participativas, mas os não alfabetizados muitas vezes comportam-se como se não pertencessem ao grupo, mantendo-se em várias ocasiões à parte das atividades desenvolvida pelo grupo.

Pudemos observar que a professora e algumas crianças em vários momentos tentam integrá-los ao grupo, mas eles se negam, porque já incorporaram a idéia de que são diferentes e sentem “medo” de se expor, considerando-se incapazes de realizar as atividades propostas feitas pelo grupo.

A professora é jovem e mantém um bom relacionamento com seus alunos, ela está bem próxima a eles, mantendo o que podemos chamar de uma certa cumplicidade, levando em consideração que a afetividade é um aspecto importante do processo ensino-aprendizagem.

*“Conforme o tom com que fala, o olhar que lança, o gesto que esboça, a fala (do professor) adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles”.(Cunha, 1988, Apud, Tassoni, p.1).*

Pri é formada em Pedagogia pela UNICAMP. Através da entrevista com a mesma e da observação de sua atuação em sala de aula perante seus alunos, pudemos constatar a grande importância que ela dá para a leitura. Para comprovar esta afirmação cito aqui um trecho da entrevista feita com a professora.

*“Penso que a leitura de livros de literatura infantil de boa qualidade e de outros textos, realizada na escola, é importante pelas seguintes razões: possibilita a ampliação do universo dos educandos; constitui a autonomia intelectual e as características especificamente humanas dos educandos; forma sujeitos que conhecem as diferentes finalidades da leitura e que faz uso delas adequadamente de acordo com os contextos de uso; permite a re-significação da relação do educando com o mundo quando abre espaço para a sua emancipação; permite a compreensão das diferentes razões da constituição das situações de nosso cotidiano”.(entrevista).*

Esta professora está aberta aquilo que Paulo Freire (1996) escreveu:

*“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”.(p.52).*

Pelas minhas observações em sua sala de aula pude perceber várias vezes, que ao ler para os seus alunos a professora além de resgatar o papel de contadora de histórias, proporciona aos mesmos uma participação ativa da leitura, não impedindo que tenham seus comentários e que exponham suas dúvidas, estando sempre pronta a esclarecê-las, usando estratégias de

indagação para dar oportunidade que as próprias crianças respondam aos questionamentos de seus colegas e só interfere em caso de a dúvida ainda não estar suficientemente esclarecida.

Nas anotações feitas por mim no diário de campo e pelas respostas que obtive através da entrevista feita com a professora, esta mostra também respeito às idéias muitas vezes divergentes de seus alunos a respeito do texto lido, pois está ciente das visões diferentes que cada leitor ou ouvinte pode ter da mesma história, pois esta interpretação está vinculada ao contexto cultural e as vivências de cada criança.

*“ ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado”.(Zilberman, 1985, p.24-27).*

Quanto ao espaço físico da sala, podemos afirmar que é adequado, bem arejado e tem o privilégio de estar à sombra de uma árvore que fica ao lado da sala. A arrumação das carteiras geralmente permanece na formação de duplas, mas nada impede que isto mude e as crianças têm a liberdade de se movimentar pela sala.

Há armários com materiais pedagógicos e estantes com livros de literatura que ficam à disposição das crianças em momentos específicos reservados para a leitura. Quando elas terminam as atividades propostas podem se quiser pegá-los para levar para casa.

Pri faz das atividades de leitura uma constante em sua sala de aula, desenvolvendo atividades variadas sempre tendo como base à leitura de livros de literatura e de pequenos textos tirados dos livros lidos.

Na entrevista, ao ser questionada sobre os usos que faz com a leitura na sala, respondeu:

*“Realizo a leitura compartilhada; ida à biblioteca semanalmente; leitura pelos educandos de textos curtos tanto em sala como em casa; interpretação de textos; leitura para que se encontre uma informação; leitura para seguir instruções; leitura realizada para aprender algo específico; leitura por prazer, sem pretexto; leitura de um determinado tipo de texto para, após, transformá-lo em outro tipo; leitura para se resolver um desafio”. (entrevista).*

A professora afirma também que seus alunos gostam de ler, pois os livros de literatura fazem parte do cotidiano de sua sala e isso foi comprovado por nós, através das observações feitas durante as visitas na sala no desenvolvimento da pesquisa. Cito aqui a fala da própria professora a esse respeito.

*"A leitura de livros de literatura infantil de qualidade, e realizada pela professora é imprescindível para a formação de leitores e escritores, já que: é através desta atividade que as crianças podem compreender que a leitura é um processo que nos proporciona prazer e divertimento; as crianças vêem a professora como usuária da leitura por ela realizada, na maioria das vezes, não está ligada necessariamente a uma outra atividade, ou seja, a leitura não é um pretexto para outra proposta, mas constitui-se como um momento de conhecimento de uma obra de nosso acervo literário".(entrevista).*

## CAPITULO 7

### REFLEXÃO SOBRE AS OBSERVAÇÕES FEITAS DURANTE A PESQUISA

#### *Primeiro dia da visita:*

No primeiro momento em que estive na sala da professora Pri, ela realizou a leitura compartilhada. A história escolhida para este dia faz parte de um livro chamado “Histórias de Bichos”, são oito histórias adaptadas, baseadas em contos populares de vários lugares e épocas.

A história lida neste dia foi solicitada por uma criança que havia levado o livro para casa e gostaria de compartilhar a sua leitura com os colegas de classe.

A professora leu o título da história “A tartaruga que queria voar” (Margaret Mayo). Ela mostrou a capa do livro, dizendo o nome da autora e do ilustrador.

As crianças permanecem sentadas em seus lugares, mas no decorrer da história movimentam-se se aproximando da professora, ou de algum colega e fazem comentários a respeito do livro e da leitura.

A história como o próprio nome sugere era de uma tartaruga que queria voar. Já no início surgiam as perguntas.

**LU:** — Como ela vai voar, subir lá no alto se ela é pesada?

Ri, faz gestos com a cabeça como a dizer, isso não é possível.

**PRI:** — Espere e você verá o que ela vai fazer. E continua a contar a história.

Ao ler a história aparece a palavra carapaça.

**CRIS:** — O que é carapaça?

**PRI:** — É o casco da tartaruga.

**RE:** — Aquilo que ela carrega nas costas.

**VI:** — É a casa dela. Quando chove ele se esconde lá dentro.

E a história continua “... a tartaruga passa goma em sua carapaça e cola nela um montão de penas...”

**PE:** — O que é goma?

**VI:** — É aquilo que sai da seringueira, que forma uma cola.

RE: Comenta ao ver a figura da tartaruga com as penas coladas em seu casco:

— Parece um porco espinho.

TA: — Se a tartaruga fica de patinhas para cima, ela fica sem ar e morre.

As crianças perguntam imediatamente pelo sentido (vocabulário) das palavras que desconhecem e que são necessárias para o entendimento da história. Mas também perguntam buscando uma coerência externa ao contexto da história: “ como ela vai voar, subir, se é pesada?”

Podemos ver que as crianças são naturalmente curiosas, querem falar, expressar suas opiniões, saber o significado das palavras, mostrando que possuem conhecimentos e relacionando a nova leitura com outras anteriores e com suas próprias experiências de vida, pois nunca se lê no vazio, o leitor sempre traz consigo suas vivências e conhecimentos anteriores.

*“(...) a aquisição de novas informações e a conseqüente expansão de horizontes de leituras ecléticas vão se tornar instigadoras de diálogos mais freqüentes e de comunicações mais autênticas. Neste sentido ler é realmente participar mais crítica e ativamente a comunicação humana”. (Silva, 1984, p.41).*

Uma criança colabora na leitura da outra, para as perguntas feitas não só a professora responde. Cada aluno traz de si conhecimentos, uma explicação e socializa com maior naturalidade com os outros.

Ler é fazer parte do mundo, questionando-o e sendo questionado por ele, é procurar respostas, fazer relações do novo com o já conhecido, é construir respostas e perguntas sempre na procura de incorporar a nós mesmos novas idéias e conhecimentos, pois os significados por nós construídos faz com que aquilo que antes era estranho se torne a partir dessas relações significativos. Ler é compartilhar com os companheiros diferentes sentidos.

As crianças até o final da história teceram seus comentários sendo evidente a ligação feita desta nova leitura a outras e aos seus conhecimentos culturais acumulados. Até o final da história, interrompem, riem, explicam, perguntam, acrescentam informações fora do texto, dando à leitura um movimento de compreensão compartilhado de maneira prazerosa e envolvente.

### Segunda visita:

Ao entrar na sala as crianças já começam a questionar a professora sobre o que vai ser lido naquele dia.

A professora pede um tempo, faz a chamada e recolhe atividades que foram feitas em casa.

Pega o livro “História de Bichos”, o mesmo do dia anterior e pergunta para as crianças qual das histórias elas preferem que seja contada. É o respeito pela escolha da história pelos próprios leitores - ouvintes. Aqui a professora não está preocupada em impor uma única obra para todos, escolhida por ela como a mais adequada para aquela turma, para aquele momento.

As crianças começam uma discussão e depois de algum tempo, vendo que as mesmas por si só não chegavam a um consenso, a professora interfere e sugere que seja feita uma votação. A professora lia o nome das histórias e as crianças levantavam a mão, era feita a contagem e registrado o número de crianças na lousa. Ao final da votação venceu a história “Papai Urso e os ursinho travessos”.

**IAN:** —Não vou ouvir. E tampou os ouvidos com as mãos.

**IAN** não aceita a história escolhida pela maioria, pois ele preferira a história do leão e por isso recusa-se a compartilhar da leitura.

A professora, calmamente, começa a contar a história, que fala do papai Urso procurando alguém para cuidar de seus filhinhos enquanto ele está fora de casa.

Algumas crianças já conheciam a história e muitas vezes se antecipavam contando o que iria acontecer a seguir.

A professora oferece um espaço aberto, deixando algumas vezes seu lugar vazio para que as crianças possam usufruir deste espaço, transmitindo e trocando conhecimentos entre si. Não é o centro do grupo, não canaliza apenas para si, a função de contadora – leitora da história. Ela lê com as crianças e para as crianças.

*“A relação instaurada numa situação de formação se restringe, portanto, a transformar as idéias, pensamentos e experiências do “outro” em algo que nos pertence ou numa variante de nós mesmos. Implica considerar a relação com o “outro”, seja este um texto, uma idéia, um objeto ou uma pessoa, como algo que nos possibilita uma experiência, na qual modificamos este*

*outro, produzindo sentido a partir dele, e nos modificamos na interação com ele. Sendo assim, uma experiência de formação pressupõe deixar o outro falar o que tem que dizer e rever nossos conceitos, nosso modo de pensar e de ser. Em síntese, podemos dizer que participa e contribui para a nossa formação tudo aquilo que nos constitui, ou seja, aquilo que experienciamos ao longo da vida e que nos faz ser o que somos".(Grotta, 2000: Apud, Leite, 2001, p.132).*

A história continua e quando a professora diz que o papai Urso encontrou o Lobo e este se ofereceu para cuidar dos ursinhos, **BRU** interrompe e comenta: \_Isto não vai dar certo.

**PRI:** — Por que não?

**BRU:** — O Lobo vai querer comer os ursinhos.

**LI:** — Lembra professora da história dos cabritinhos? Aquela que a mamãe saía de casa e pedia para os filhinhos não abrirem a porta para ninguém, porque ela tinha medo que o Lobo comesse eles.

**NA:** — O Lobo faz assim: OUUUUU...Querendo imitar o uivo do Lobo.

**MA:** — Tem também a história da Chapeuzinho Vermelho que o Lobo queria pegar.O Lobo é ruim.

Não é uma prática de leitura ininterrupta para que no final, as crianças comentem, desenhem ou escrevam sobre o que entenderam e o que mais gostaram. É uma leitura recheada de perguntas, comentários e lembranças de outras histórias convocadas por várias crianças (**Bru, Li, Na, Ma, Je, Re, Lu**). São muitas histórias já lidas e ouvidas que dão a esta, uma recepção particular prevista, antecipada.

*"Qualquer leitura é uma leitura comparativa, contato do livro com outros livros. Assim como existe dialogismo e intertextualidade, no sentido que Bakhline dá ao termo, há dialogismo e intertextualidade da prática da leitura (...) Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca muda, quer dizer, a memória das leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiam o desconhecido". (Goulemot, 1996, p.113).*

A professora continua a história... Depois de muito procurar e de conversar com vários animais diferentes o papai Urso encontrou a dona Lebre.

O Urso pergunta se ela aceitaria cuidar de seus filhinhos e ela diz que depende de qual será o pagamento. Ai papai Urso mostra uma sacola e diz que o pagamento será três pãezinhos de mel por dia.

**E:** — Ah! Tinha que ser dinheiro.

**PRI:** — Por quê?

**RE:** — Pagamento é com dinheiro.

**JE:** — O que ela vai fazer com o dinheiro?

**RE:** — Comprar coisas.

**LU:** — Na floresta não tem nada para comprar. Diz rindo.

As crianças vão trazendo para a história, suas opiniões diante do que conhecem de sua vida, vão querendo modificá-la, adaptando-a a realidade, mas, mas são as próprias crianças que chamam seus colegas para o mundo da ficção. E a leitura continua...

... o Urso abre a sacola e a Lebre enfia a cabeça dentro dela.

**CRIS:** — Ah! Ela está cheirando os pãezinhos.

A professora mostra a maneira que a autora representou através de letras o barulho da cheirada que a Lebre deu nos pãezinhos "SNIFFFF".

**DI:** — Isto é uma onomatopéia. É a palavra do barulho que a Lebre fez ao cheirar os pãezinhos.

**FER:** — Pelo jeito do barulho que ela fez acho que ela gostou.

**PRI:** — Vamos ver o que aconteceu? A Lebre aceita e diz que poderia começar imediatamente.

**FER:** — Viu? Eu não falei?

**DU:** — Acho que os ursinhos vão gostar da Lebre, porque ela pula, pula, pula e criança (referindo-se aos ursinhos) gosta de brincadeiras.

Para cada trecho interrompido, várias crianças, nem sempre as mesmas, opinam sobre a história. Trazem informações específicas (sniff é uma onomatopéia), identificam-se com os personagens (criança igual urso gosta de brincadeiras).

Pudemos perceber que durante a leitura, a história além de mexer com o imaginário das crianças, as remete a recordar coisas de suas próprias vidas, permitindo que extravasem emoções e que associem a mesma ao que realmente acontece com elas. O medo da figura do Lobo, os conhecimentos

anteriormente adquiridos, em relação à menção da onomatopéia, a relação do pular da Lebre com suas próprias brincadeiras."(...) *ao mediar a leitura, a professora provoca na criança o desencadear de processos de compreensão relacionados às experiências já conhecidas.*" (Fontana, 1996, p. 19).

**IAN**, aquele menininho que no início tampou os ouvidos, não resistiu e acabou ouvindo e gostando da história.

### **Terceira visita:**

Pri entra na sala com seus alunos dizendo: —Boa tarde pessoal.

**Crianças:** — Boa tarde.

**CI:** rapidamente sai de seu lugar e entrega um livro que trouxera de casa para a professora.

Esta pega o livro, mostra-o para as crianças, lê o título "Pollyanna", nome da autora e diz que é uma adaptação.

Algumas crianças falam juntas que adaptação quer dizer que a história foi reescrita.

**BER:** — O que é reescrita?

**CI:** — Ele escreveu de novo.

Mais uma vez a professora deixa a resposta correta por conta das próprias crianças, deixando-as assumir ora o lugar de quem aprende, ora de quem ensina.

A história começa a ser contada, trata de uma personagem chamada Sta Poly, solteirona que mora sozinha. A Sta Poly recebe a carta de um pastor, de um lugar distante informando-a que sua sobrinha Pollyanna, de 11 anos, havia ficado órfã e teria que morar com ela.

A professora mostra a figura que representa a casa da Sta Poly.

As crianças comentam: — Nossa! É tudo verde? As paredes, o chão.

A professora continua e as crianças têm a impressão de que a Sta Poly parece não estar muito feliz em receber a sobrinha em sua casa, pois durante a leitura da carta, mandada a ela pelo pastor, o narrador descreve seu descontentamento, através de determinadas atitudes orais e gestuais.

**CI:** — Que mulher chata! Coitada, a menina está sozinha!

**PRI:** — Espere mais um pouco, eu acho que a Sta Poly está com medo.

A professora interfere, dando um outro sentido para a leitura das crianças.

**BRU:** — Medo de quê?

**PRI:** — É que ela mora sozinha há muito tempo e talvez tenha medo de dividir sua casa com uma pessoa que ela não conhece.

A professora através desta fala procura levar às crianças a compreenderem os motivos e sentimentos da Senhorita Poly em relação à chegada de sua sobrinha.

As crianças parecem não entender muito bem este sentimento da Senhorita Poly, porque pelo que pude observar, ficam meio insatisfeitas com a explicação da professora e pedem que a ela continue a história. Estavam querendo ver se com a continuação da leitura a explicação deste medo aparecesse.

A Sta Poly pede para Nancy, sua empregada para arrumar o sótão para que sua sobrinha fique lá.

**LU:** — O que é sótão?

**CI:** — É um quarto lá em cima da casa.

Enquanto isto na história Nancy critica a patroa, pois acha errado ela colocar a menina no sótão.

Jonas, o jardineiro, explica a Nancy que a Sta Poly era uma boa pessoa, mas tornou-se amarga por ser muito solitária.

**BRE:** — Amarga, como? Como limão?

**JO:** — Limão é azedo, sua boba. Amargo é remédio.

**BRE:** — Tem remédio doce, o xarope que minha mãe me dá é doce.

**LU:** interrompendo o diálogo dos amigos, pergunta: — Solitária é sozinha?

**PRI:** — Isso mesmo.

**DA:** — É chato ficar sozinha, é muito triste.

Pri intervém, dando a resposta quando percebe que a pergunta é importante para o entendimento ou quando nenhuma outra criança responde.

A defesa da personagem Senhorita Poly pela professora e pelo jardineiro Jonas, também personagem da história, permitem que as crianças mudem seu primeiro entendimento, sua primeira impressão no início da história.

Se inicialmente, condenaram a Senhorita Poly por não receber com carinho Pollyanna, talvez, movidos por um processo de identificação com a personagem principal, criança, com posse de mais informação, os alunos mudam, entendendo que ficar sozinha é uma coisa que não é boa, relacionando as palavras “amarga e solitária” a remédio e tristeza.

Podemos dizer que não é apenas pelo próprio texto, mas também pela maneira como a professora o lê, sua entonação de voz, sua expressão facial, que permitem que as crianças signifiquem a história de uma determinada maneira.

Muitas vezes a emoção desencadeada pelo conteúdo da história faz com que as crianças procurem em suas vidas situações parecidas, identificando-se muitas vezes com os personagens. Neste caso, trata-se de uma garota com idade muito próxima a deles e que enfrentará um ambiente novo e totalmente desconhecido

O tempo reservado para a leitura compartilhada se esgota e a professora diz que contará a chegada de Pollyanna no dia seguinte.

As crianças acostumadas a ouvir histórias contadas em capítulos concordam e se dispõem a executar a tarefa seguinte.

#### **Quarta visita:**

A professora realiza as atividades iniciais fazendo a chamada e as crianças conversam entre si, contando uns aos outros acontecimentos que ocorreram na rua ou em casa.

A proposta de trabalho hoje é diferença que há entre a maneira que se fala e a maneira que se escreve.

Para isso a professora distribuiu um texto tirado do livro “De Hora em Hora : Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias de Ruth Rocha.

#### **A escrita é diferente da fala**

Leia o texto abaixo:

“Que horas são?”

*Marcelo vivia perguntando:*

— Mãe, o que é bandapassá?

— Bandapassá? Sei não, menino! Onde é que você viu isso?

— Tem uma música que diz assim – pra vê bandapassá...

— Não é bandapassá, Marcelo. É – banda passar. Pra-ver-a- banda- passar. Banda de música.

*Um dia Marcelo perguntou:*

— O que é veazora, mãe?

— Veazora, Marcelo? Sei lá!

— A Gabriela indagorinha disse que ia veazora.

— Não, Marcelo, não é veazora. É ver-as-horas. Ver que horas são. Que horas são do dia.

As crianças circulam pela sala, recortam a folha com o texto dado pela professora. Alguns já vão lendo o texto e colando no caderno, enquanto isto a professora coloca a música “A Banda” de Chico Buarque de Holanda, põe o nome na lousa.

Algumas crianças dizem que já ouviram, outras riem.

**BRU:** — Que música feia!

**MA:** — É música antiga.

**VI:** me vê cantando baixinho e pergunta: — Você sabe cantar esta música?

Respondi: — Sei.

**VI:** fez uma carinha estranha, como que discordando do meu gosto musical.

A professora pergunta: — Alguém já ouviu esta música?

**DI:** — Eu ouvi, minha mãe comprou o CD e eu joguei fora. E desata a rir.

Definitivamente não é este o interesse musical dessas crianças. Ridicularizam rindo, a música colocada pela professora, expressam a idéia de que música antiga é feia, deve ser jogada fora.

A professora trouxe a música para destacar do trecho “De Hora em Hora”, a frase “ o que é bandapassá”. E neste caso ela está intervindo também no gosto musical de seus alunos, ampliando-o, desafiando-o.

Ao terminar a música a professora pede que uma das crianças leia o texto em voz alta. BIA lê. Alguns reclamam, dizendo que ela lê muito baixo, outros dizem que não estão escutando nada.

A professora intervém, dizendo que se todos ficarem quietos, poderão ouvir.

Fazendo uma relação entre a música e o texto a professora solicita que as crianças observem a maneira que está escrita à fala de Marcelo, na pergunta que o mesmo faz a sua mãe.

“Bandapassá”

**PRI:** — Como é que se escreve esta palavra?

**DI:** — Banda passar, separado.

As crianças juntamente com a professora vão lendo o texto e oralmente tecem seus comentários.

É distribuído outro texto, desta vez explicativo, por que cada um não pode escrever do jeito que fala.

### **Texto explicativo:**

*Os homens perceberam que se escrevessem as palavras como falavam, uma mesma palavra poderia ser escrita de várias maneiras, veja os exemplos:*

**TOMATI \_ TUMATI MENINU – MININU**

*Então foi decidido que cada palavra seria escrita de acordo com a convenção ortográfica, ou seja, todas as pessoas que fossem escrever uma palavra deveriam escrevê-la de acordo com uma forma de escrita estabelecida.*

*Assim, uma pessoa pode pronunciar MININU, mas deve escrever MENINO, outra pessoa pode pronunciar MENINU, porém deve escrever MENINO. Quando uma pessoa ler, em um livro, jornal, revista ou qualquer outro lugar, a palavra MENINO não terá dificuldades em saber*

*qual é a palavra que está escrita apenas poderá não saber o que ela significa, mas então precisará apenas procurar em um dicionário ou perguntar a uma pessoa que saiba.*

*Se observarmos a fala para escrevermos uma palavra, poderemos ouvir o som de uma letra e escrevermos a palavra com essa letra, mas na verdade a forma estabelecida de escrita é outra.*

*Por exemplo: a palavra CASA.*

*Observando a fala ouvimos o som da letra Z, mas escrevemos a palavra CASA usando a letra S, ou seja, ouvimos o som da letra Z, mas escrevemos com a letra S. Então, para sabermos qual a maneira como todos precisam escrever as palavras, para não haver confusões, ou consultamos um dicionário, ou então podemos perguntar a uma pessoa que saiba. Desse modo, independentemente da maneira como cada pessoa fala, as palavras devem ser escritas de acordo com a forma ortográfica estabelecida.*

Já no início do texto aparece a palavra "homens". A professora explica que a palavra se refere tanto aos homens como às mulheres.

**VI:** — Deveria ter escrito pessoas e não homens.

As crianças desta sala são bastante críticas e não vão aceitando qualquer explicação, são questionadoras e só deixam de fazer perguntas quando se sentem totalmente satisfeitas com as respostas.

O texto mostra dois exemplos de palavras escritas da maneira que muitas vezes se fala. Então a professora diz que podemos pronunciar a palavra "TOMATE" de maneiras diferentes, mas ...

**BRU:** — Casa escreve com "s", mas parece "z" quando eu falo.

Antes de a professora terminar, **GU** diz: — Pode falar a palavra de várias maneiras, mas existe uma escrita padrão.

**PRI:** — Isso mesmo. Existe uma ortografia certa para cada palavra.

**DI:** — O que é ortografia?

**CI:** responde rapidamente. — É o jeito que a gente escreve as palavras.

As crianças pintam os desenhos (no texto original há uma figura de um tomate e de um menino) e conversam entre si.

**LU:** — homem escreve com “h”, mas lê ó.

Vê-se neste caso que as atividades de aprendizagem da ortografia e da gramática são executadas com naturalidade pelas crianças quando partem de textos que tem significado para as mesmas.

Como na prática da leitura, as crianças falam à medida que lêem, escrevem, pensam. Uma responde às outras, sentem-se à vontade tanto em perguntar quanto em responder.

As crianças lêem aqui, um texto informativo e relacionam as informações nele contidas com o que já sabem da língua e o que não sabem, fazem perguntas oralmente.

*“Uma das medidas para que esse grau de utilização efetiva da língua escrita possa ser atingido é escrever e ler constantemente[...] Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula.” (Possanti, p.20).*

Cito aqui palavras da professora PRI, quando na entrevista ao ser questionada sobre o porquê da importância da leitura na escola ela coloca entre outras coisas que: *“(...) forma sujeitos que conhecem as diferentes finalidades da leitura e que faz uso delas adequadamente de acordo com os contextos de uso”.*

Continuando o objetivo de mostrar às crianças a diferença entre a palavra falada e a palavra escrita, a professora distribui um bilhete escrito da maneira que se fala para que seja reescrito pelas crianças na escrita padrão.

**Bilhete:**

Mãí,

*Vo fica na iscola até mais tardi.*

*Não si preocupi, lá eu tomu lanxi e dipois eu vortu pra caza com u tiu*

*Fernandu.*

*Renato*

As crianças vão lendo o bilhete e escrevendo em seus cadernos. Alguns sentam em duplas, outros em trios e quando nenhum componente do grupo sabe, ou melhor, tem certeza da escrita correta chama a professora para esclarecer suas dúvidas.

O trabalho em dupla/trio colabora para que o outro participe do processo de ensino/aprendizagem de forma cooperativa e sem imposição ou hierarquização. São sujeitos envolvidos com o objeto a ser conhecido, ajudando-se mutuamente.

#### **Quinta visita:**

Neste dia a professora comunica às crianças que contará a história “Máquina Maluca” da autora Ruth Rocha.

A professora como contadora de histórias usa de várias estratégias para despertar e manter o interesse das crianças para a leitura, envolve-os, mostrando que o texto pode ser muito mais que letras e figuras impressas em um papel “livro”, fazendo comentários sobre a história a ser contada. A professora PRI diz, que a história é super legal, pede para prestarem atenção, diz o nome da autora, o título do livro, mostra-lhes a capa e as crianças sentam-se e vão ficando incentivadas pela voz da professora a ouvirem a história. Ela comenta também que farão uma escrita coletiva na lousa, um resumo da história.

A professora pergunta para as crianças o que é resumo.

**VI:** — Uma coisa menor que a história.

**MA:** — A gente põe algumas coisas sem muito detalhe.

Continuando, a professora diz que vai ler a sinopse da história.

**VI:** — Sinopse fala coisas sobre a história, ai a gente já fica sabendo mais ou menos como ela é.

Enquanto a professora lê, as crianças vão dizendo o que acham que a história vai contar. Na leitura aparece a palavra “cientista”.

**PRI:** — O que é cientista?

**Vi:** — Alguém que inventa coisas num laboratório.

**PRI:** — O que é laboratório?

**VI:** — Um lugar onde ele inventa as coisas, porque se acontecer algum acidente não vai espalhar.

Com isso o menino quis dizer que deve ter um lugar específico para desenvolver inventos para que não se coloque em risco a vida das pessoas em caso de acidente.

**VI:** — Aqui no Brasil não tem esses laboratórios de fazer esse tipo de máquinas.

**PRI:** — Por que?

**VI:** — Ah! Eles vão trabalhar em laboratórios na Alemanha e em outros lugares.

**LU:** — Acho que é porque eles ganham mais dinheiro.

A professora continua dizendo que a Máquina faz tudo e ninguém terá que trabalhar.

**LE:** — Todo mundo vai ficar sem dinheiro.

**TO:** — Não vai ter o que comer.

**VI:** — O governo tem dinheiro. Professora de onde vem o dinheiro do governo?

**LU:** — A Máquina faz tudo então ela faz dinheiro também.

**MA:** — O dinheiro do governo é nosso. A gente paga água, luz e muitas coisas.

**PRI:** — Todos pagam impostos que devem ser usados na educação, na saúde, estradas e outras coisas necessárias para melhorar a vida das pessoas.

**CI:** — Mas tem gente que não tem trabalho e passa fome.

Pela fala desse menino percebe-se que ele acha que o dinheiro nem sempre é bem aplicado.

Essa história é linda e há uma explosão de informações dadas pelas crianças. De um ponto, elas vão para outro e outro, e outro. Lêem, buscando entender seu mundo, respondendo e perguntando sobre suas próprias dúvidas e questões. Desde as coisas simples relacionadas ao vocabulário (o que é laboratório, cientista) como para mais complexas (de onde vem o dinheiro do governo? Tem gente que passa fome). Alunos de classe popular que já sabem que o Brasil exporta nossos cientistas para trabalhar na Alemanha, que são nossos impostos que sustentam o governo.

O que dizer, então, sobre estas crianças? Sobre o “mito de infância feliz” que insiste em colocar as crianças como distantes o tempo todo do mundo real, sem informação?

Segundo Silva (1995) a literatura é:

*(...) “ capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca da vida humana. De repente, somos como que fisgados pelo texto e empaticamente acompanhamos as personagens no miolo da trama, enfrentando conflitos e superando obstáculos. No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos significados – decorrência natural de nossa consciência no adentramento do texto literário – vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos”. (p.21)*

Mas não é só a literatura que provoca mexe conosco, com os leitores. A prática de leitura vivenciada com o texto literário é fundamental. De nada valeria este texto, se a professora não assumisse como PRI, o papel de provocadora de diálogo. Ao mesmo tempo em que informava, permitia que as crianças falassem sobre o que sabem, vivem, sentem, pensam.

Freire 1996, nos diz :

*“ A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos”. ( p.35).*

Esta prática de leitura movimenta-se pela “ curiosidade como inquietação indagadora”, pela impaciência pelo mundo que querem fazer.

Continuando a história.

A Máquina começa a ficar exigente, manda em todo mundo, pede várias coisas.

**VI:** — Tá louco! Ta todo mundo trabalhando pra ela. Prefiro trabalhar pra mim.

A Máquina fica cada vez mais maluca e pede para ir à Bahia.

A professora diz que a Máquina é muito grande e não cabe no caminhão.

**J.P:** — Nem deitada?

O sobrinho do cientista que inventou a Máquina resolve que precisa fazer alguma coisa, pois a Máquina estava causando muita confusão e todo mundo estava muito infeliz.

**DU:** — Eu acho que ele deveria desligar a Máquina da tomada.

**VI:** — Isso mesmo, se o cientista fez a Máquina e ligou, tem que ter um jeito de desligar.

**GA:** — Tira a tomada da parede.

A história termina com esta solução mesmo. As crianças vibram, pulam, se abraçam, porque descobriram o que o sobrinho do cientista fez. “Tirou o plug da Máquina da tomada”.

O final é antecipado, é esperado, recebe várias sugestões de finalização, deixando com que os alunos participem dele. E o final sugerido por eles é o mesmo dado pela autora, mostrando quanto os alunos acompanham o leitor, buscando um final coerente, um final possível.

Após o término da leitura começam a fazer o resumo da mesma. A professora combina com eles que devem levantar a mão quando quiserem dar sua opinião, esperando a sua vez de falar, isto para que todos não falem juntos e ninguém entenda nada. Começa o resumo.

**MA:** — Um dia o professor cientista estava inventando uma máquina e seu sobrinho foi ver.

**PE/SI/TA:** — O sobrinho viu a máquina e perguntou o que ele estava fazendo. As crianças continuam falando e a professora pergunta se é para continuar no mesmo parágrafo.

**MA:** — Não.

**PRI:** — Por quê?

**MA:** — Não sei, esqueci.

**DU:** — Sim, porque continua a mesma idéia.

**PRI:** — Então vai ficar assim?

O sobrinho viu a máquina e perguntou o que ele estava fazendo. O professor respondeu que estava fazendo uma máquina que fazia tudo e que ia vendê-la. Quando a professora conta que a máquina iria fazer tudo, alguns alunos começam a expressar suas opiniões sobre trabalho.

**CLO:** — Trabalhar muito é cansativo.

**VI:** — Eu não concordo.

**CLO:** — É porque não é você, né!

**SI:** — As pessoas reclamavam porque o serviço era pesado e tem pessoas que não trabalham tanto e ganham dinheiro.

Aqui as crianças expõem aquilo que acreditam ser o trabalho e já mostram saber que algumas pessoas trabalham em serviços mais pesados que outras.

A professora diz que todas as profissões têm sua utilidade e que são diferentes umas das outras e sugere:

— Vamos continuar?

Quando a idéia não está muito coerente a professora pergunta se todos concordam com ela, se alguém discordar tem que dizer o porque e dar sua sugestão.

**LE:** — Quando o professor terminou de fazer a máquina, chamou o pessoal do governo e mostrou como a máquina funcionava.

**TO:** — Eles gostaram e compraram, porque a máquina fazia de tudo.

**LU:** — Em vez dela trabalhar para eles, eles trabalhavam para ela.

Neste momento começa uma discussão, pois a maioria das crianças não concordava com esta frase. Cada grupo defendia sua idéia e ninguém chegava a um acordo.

A professora age então como mediadora deste conflito, perguntando se pode dar uma sugestão. As crianças concordam.

**PRI:** — Depois de algum tempo a máquina só fazia os trabalhos se as pessoas fizessem o que ela mandava.

**DI:** — Então, as pessoas começaram a ficar irritadas, porque estavam trabalhando mais do que antes.

**CI:** — A máquina foi ficando cada vez mais maluca e exigente.

As crianças ficam trocando idéias entre si antes de continuar o resumo.

**LU:** — O sobrinho do cientista falou:

**VI:** — Resumo não pode ter diálogo.

**MA:** — Pode escrever assim: O sobrinho do cientista penso que precisava fazer alguma coisa para parar aquela máquina. **GA:** — Continua: Ele olhou atrás da máquina e desligou a da tomada.

**CLO:** — Ai todo mundo ficou aliviado.

**SI:** — Todas as pessoas viram que era muito chato ficar sem fazer nada.

**VI:** — Eles viram, isso sim, que era melhor trabalhar do que obedecer a uma máquina.

**DU:** — Posso ler o resumo?

A professora e as crianças concordam. Quando **DU** termina a leitura a classe diz que havia ficado bom.

Ao ser escriba dos textos de seus alunos a professora proporciona:

*“... interação dos interlocutores, falante ou ouvinte, autor e seus leitores, envolvendo quem o produz e quem o interpreta. Por um lado, como vimos, esse processo implica no recurso a aspectos sistemáticos e a regras (lingüísticas, lógicas, conversacionais,...) que permitem aos participantes da comunicação identificar-se e identificar o quadro lingüístico e cultural em que se situam. Por outro lado, exige uma atitude crítica e ativa, e mesmo uma certa liberdade de ultrapassar os limites do texto: quem diz ou escreve e quem interpreta são co-produtores na construção do sentido do texto e co-responsáveis por relacioná-lo a uma determinada situação de fato”.(Proposta Curricular, 1988.p.14)*

Agora cada criança copia o resumo em seu caderno.

Durante todo tempo em que as crianças participaram da atividade proposto, pudemos perceber que **AL** não deu sua opinião e aparentemente nem prestou atenção no que estava sendo feito. Brincava com o lápis, rabiscava as folhas do caderno.

**AI** é uma das crianças não alfabetizadas, que não sabendo ler fica desatento mesmo durante a leitura da professora ou de seus colegas. Vemos desta forma que a relação desta criança com a leitura é de distanciamento.

Esta negação pode ser explicada pelo fato da criança não estar alfabetizada, sendo a leitura algo penoso, pois por não dominar a base alfabética ela percebe a leitura como algo ruim, sentindo-se excluída. Neste caso podemos dizer que a aprendizagem da decodificação do código de escrita é importante e tem que ser enfrentada.

A professora procura formas de aproximação desta criança com ela e com os colegas. Ela mesma diz estar sendo falha em relação a este menino.

Isto nos mostra que a professora também enfrenta dilemas que muitas vezes nos coloca em xeque, pois mesmo tendo uma prática onde a leitura é bem valorizada e utilizada como forma de aproximação, há sempre desafios que se apresentam, e que muitas vezes nos parecem sem solução.

*“... o trabalho em educação, sobretudo quando envolve a “intervenção” no conjunto das forças que definem um contexto da realidade, é bastante exigente e contraditório. Não são poucas às vezes em que os obstáculos ( inúmeros e de todo tipo) abala nossa decisão de levá-la adiante. Revelam-se em nós dois sentimentos antagônicos: o da esperança de conquista de mudanças pretendidas – nosso sonho e utopia – e o do sentimento do absurdo deste trabalho que muitas vezes, parece se está sempre recomeçando do grau zero.”(Silva, Apud, Savelli, 2003, p.48).*

No entanto estes pontos de tensão nos faz repensar, reavaliar nossas práticas, tomar decisões e o que é de grande importância, manter-nos atentas às diferenças, pois elas existem e diante delas devemos ser flexíveis na adoção de práticas que permita a inclusão e o desenvolvimento individual de cada criança de acordo com seus interesses e dentro de seu tempo.

*“ A efetivação de uma pedagogia diferenciada implica atender aos alunos cuja cultura é bem diferente daquela que a escola trabalha e que não possuem códigos de comunicação e intercâmbios semelhantes aos que a escola requer. Tais alunos não conseguem aprender apenas com as explicações gerais das professoras e exigem operacionalização de procedimentos didáticos diferenciados. Isso se constitui um grande desafio para a prática docente. (Savelli, 2003, p.53).*

#### **Sexta visita:**

Esta visita foi realizada uma semana após a quinta visita.

Neste dia quando cheguei na sala as crianças disseram:

— Até que enfim, pensei que você não ia voltar mais.

Como estive ausente a professora explica que a atividade de hoje estará sendo baseada em leituras sobre o tema “Medo” .

Durante toda a semana as crianças leram os seguintes textos:

- “Medo? Todo mundo tem!!!” de Silvinha Meirelles (narração);

- “Medo de que? E como enfrentá-lo?” de Silvinha Meirelles (depoimentos);
- “Chiquinha” (história em quadrinhos);
- “Não tenho medo de nada! De Pedro Bandeira (poesia);
- “O grito” de Edvard Munch (tela).

Além dos textos lidos pelas crianças, a professora leu um texto “O barulho fantasma” de Sonia Junqueira.

A proposta de trabalho para aquele dia é que as crianças façam desenhos representando o medo.

São distribuídas folhas sulfite e as crianças começam a desenhar e durante todo tempo ficam conversando e dizendo o que fizeram para seus colegas, para mim e para a professora.

Alguns comentários feitos pelas crianças enquanto desenhavam.

**KE:** — Pro eu fiz um vampiro correndo para pegar o sol pra vim à noite. Daí o vampiro vai correr atrás da lua e das estrelas e só vai sobrar o azul.

\_ O carinha ficou azul de medo e o vampiro, eu deixei branco porque ele é pálido.

**LI:** — Eu fiz um fantasma, uma bruxa, um morcego e um monstro elétrico.

**DA:** — Eu desenhei um assaltante com um revolver na mão, porque isso dá muito medo.

**GA:** — A bruxa e a mula sem cabeça deixam todo mundo com medo, por isso eu desenhei.

A maioria das crianças desenha como figura representativa do medo fantasmas, vampiros, morcegos e personagens de lendas folclóricas, mas há também as que desenharam bandidos armados assaltando alguém.

A representação do medo é construída a partir de nossa cultura, das histórias lidas e contadas. Mas também a partir da violência mostrada pela televisão e muitas vezes presenciada realmente pelas crianças, do bandido, do assaltante que mata e que faz parte de nossa realidade contemporânea. *“Há uma história contemporânea, quase vivida, que trabalha o texto no processo de leitura, que lemos”.* (Goulemot, 1996, p.111).

Os textos lidos relacionam-se com outros também lidos, com os vividos, com os que são e serão escritos pelas crianças. Ler para escrever, escrever para ler; falar sobre o lido/escrito; romper as barreiras do real com o irreal; da

ficção com a vida; do que já sabe com o que aprende, este parece ser o momento maior que pude perceber nas aulas assistidas.

*“... a literatura provoca no leitor “um efeito duplo”: aciona a fantasia(...); mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências.”(Zilberman, 1990,, p.19).*

As experiências com a literatura mesmo que esta não esteja no contexto do meio em que o leitor vive, pode através do desconhecido relacionado com seu mundo conhecido, expandir suas fronteiras do conhecimento.

Tudo isto nos leva a concluir que a maneira como esta professora trabalha a literatura em sala de aula, dando oportunidade para que as crianças socializem as descobertas feitas através das leituras, tornando-as desta maneira estimuladoras do dialogo e das trocas de experiências, permitindo que se expressem de diferentes maneiras (oral, escrita, desenho), tornando-os participantes.

Essas crianças já percorreram um importante caminho dentro do gosto pela leitura e dificilmente dela se afastarão, tornando-se indivíduos leitores. Provando que a escola pode e deve ser um lugar privilegiado, onde a leitura de livros de literatura faz parte de seu cotidiano.

*“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de um professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança...” (Freire, 1996, p.80).*

## CONCLUSÃO

### PENSANDO A ESCOLA, A PROFESSORA, AS CRIANÇAS E O LIVRO, CHEGAMOS AS SEGUINTE CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho de pesquisa pudemos através da análise da entrevista feita com a professora da sala em questão, da tabulação das respostas dadas pelos pais e crianças em um questionário previamente elaborado e de nossas observações em sala de aula, chegar a determinadas conclusões.

O papel do professor é muito importante na educação de leitores de literatura:

- 1-Sendo contador de histórias;
- 2- Escolhendo textos para serem lidos;
- 3-Oferecendo diversidade de gêneros, autores, práticas de leitura;
- 4-Permitindo que a criança construa seu gosto e sua história como leitor, lendo os livros escolhidos por eles, deixando-os ler, falar, comentar, opinar, escrever, desenhar sobre;
- 5- Promovendo modalidades de leitura diversos: silenciosa, oral, escrita, em dupla, individual, em grupo;
- 6- Selecionando livros de qualidade.

A professora como contadora de histórias, pode resgatar para a maioria das crianças não só narrativas trazidas pelas suas lembranças e leituras, como também construir uma relação de afeto através de gestos e vozes tão importantes na educação de leitores de literatura.

Na minha infância minha avó mesmo sem saber ler ou escrever, contava muitas histórias, "casos" como ela costumava dizer, que nos faziam ficar sentados de olhos e ouvidos atentos às suas palavras e gestos. Não havia livros para que pudéssemos ver as figuras, mas a proximidade de minha avó era suficiente para aguçar a minha imaginação de criança, imaginação esta que muitas vezes se misturava à vida real.

Pudemos observar pelas aulas assistidas que o que a professora faz ao contar suas histórias, no que ela chama de leitura compartilhada, resgata a

figura deste contador de histórias, restabelecendo uma relação afetiva e preciosa com o leitor/ouvinte.

Ao reconhecer a importância que o professor tem ao se posicionar como leitor diante de seus alunos, sendo narrador constante de histórias, mas também oferecendo todos os tipos e modos de leitura acima citados, ela proporciona momentos de troca de saberes entre ela e o grupo de alunos, retomando propostas pensadas para a aula a partir das falas das crianças, repensando sua prática pedagógica durante todo tempo.

A postura da professora não se limita apenas a ler, mas faz da leitura um momento de construção nas relações sociais, aluno/aluno, aluno/professora, trabalho este que tem como objetivo que o aluno se torne um leitor de fato, construindo e constituindo-se como pessoa.

Analisando a prática pedagógica desta professora temos que concordar que, na maioria das vezes, a formação precária dos professores influencia enormemente nas práticas e na compreensão que os mesmos possuem de como trabalhar leitura na escola.

O que esta professora nos sugere é que provavelmente a formação desta professora deve tê-la capacitado na segurança e competência em que ministra suas aulas.

Não estamos querendo fazer críticas a professores, mas apenas trazer para a nossa reflexão a importância do processo de formação do professor, continuada ou inicial..

A disposição que a professora nos mostra durante todas as suas aulas e sua adesão a uma proposta interdisciplinar, nos revela uma significativa importância de pesquisas que mostrem e comprovem, como e porquê, devemos trabalhar a leitura na escola como eixo norteador de uma prática pedagógica interdisciplinar, mantendo acesa a chama da nossa curiosidade, construindo um clima gostoso, aberto e rico de manifestações diversas.

Estamos apegadas ainda ao velho conceito de que saber ler está vinculado ao saber decifrar, numa atividade sem sentido e sem relevância. Temos, urgentemente, que ampliar nossas concepções e pensar que em função das novas exigências sociais, a leitura assume um papel bastante diferente e passa a ser entendida em função da significação, da compreensão. Precisamos estar atentos à idéia de que formar leitores, que

adquirindo o código de escrita através de livros possam dar sentido e significado à leitura e à escrita. Insistir em uma alfabetização com livros proporcionando às crianças a oportunidade de inserir a leitura em seu cotidiano, iniciando-as nas práticas de letramento, que podem fazer com que as crianças construam o prazer de ler ao mesmo tempo, em que aprendem a decodificar o código.

As aulas assistidas mostraram ainda que os alunos vivenciam atos de leitura com diferentes finalidades: a leitura pelo prazer, a leitura crítica, a leitura como lazer, leitura como informação, com diversidade de gêneros, autores, obras.

A opção por uma oferta orientada pela diversidade faz com que as crianças estabeleçam uma relação cultural com o tipo de leitura que passarão a eleger como de sua preferência (contos de fadas, livros de aventura) com heróis e monstros que chamam sua atenção e aguçam sua imaginação, com a construção de uma “biblioteca” possível sempre de ser acionada a cada obra/texto lido.

As aulas, possivelmente, assim, transcorridas possibilitaram aos alunos acesso as diversas áreas de conhecimento através do contato com diferentes tipos de textos, ampliando desta forma tanto o seu repertório de informação visual como escrita, contribuindo para transformar o aluno em leitor não só dos textos escolares, mas principalmente dos textos que circulam no meio social.

Para aproximar as crianças dos livros e construir com elas o gosto pela leitura a professora levou em consideração o conhecimento de seus alunos e partindo de suas reais necessidades, suas vivências concretas, possibilitou desta maneira o estabelecimento de relações do já anteriormente conhecido e significativo, para o novo e desconhecido, numa proposta de ampliação do gosto e do desejo de ler.

Se inicialmente, tínhamos como hipótese de que as crianças não gostam de ler literatura na escola, a pesquisa revela que os alunos desta sala gostam de ler sim e não acham chato ler um livro.

A pesquisa mostra a partir dos atos de leitura proporcionados pela professora e vivenciados pelas crianças em sua escola, o papel da instituição e da professora, na aproximação e de troca com os alunos, em uma experiência conjunta leva os alunos a terem uma visão positiva da leitura, que pode ser

usada de diversas formas por eles, num ato de escolha, de aprimoramento e de participação ativa das escolhas a serem feitas, de construção e formação de leitores de literatura.

As crianças necessitam  
De amor e atenção  
Ter contato com os livros  
Conhecer literatura  
Igual conhece um amigo.  
Desta maneira poderemos  
Ter a firme convicção  
De que serão bons leitores  
Sem para isso sentir aflição.  
É o que a PRI faz  
Com muita dedicação  
Dando a seus alunos  
O poder da decisão.  
Opinando o tempo todo  
Tendo total liberdade  
De mostrar o que já sabe  
E desta maneira aprender  
Aquilo que desconhece  
Fazendo a relação  
Da velha e da nova lição.

(Shirley,2004)

**BIBLIOGRAFIA**

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Ed. Scipione, 1991, p.14.
- AGUIAR, Vera Teixeira de **Leitura em crise na Escola**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1991.
- BARBOSA, Raquel L. L. **Dificuldades de Leitura**. São Paulo: Ed. Arte& Ciências, 1990.
- BARBOSA, In: VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e escrever e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro, 1997, p.13.
- BARRETO, E.S.S. **Bons e maus alunos e suas famílias vistas pela professora de 1º grau**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 1981, p.88.
- BERTOLANI, A. L.S. **Formando Leitores: a construção da mudança de uma proposta pedagógica de ensino de leitura e escrita**. IEL – UNICAMP: Campinas, 1999, p.39.
- CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o Ensino de Leitura e Escrita**. Rio de Janeiro Ed. Vozes, 1997.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano, Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1992, p.225- 291.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**./Trad. Reginaldo de Moraes, São Paulo: Ed. Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999, p.70, 71, 72, 73, 78, e 143.
- COSTA, D. A.F. A. **Construção do Letramento Escolar**. Porto Alegre: Ed. Kaurup, 1993.
- CUNHA, M.I. **A prática pedagógica do bom professor**. Tese de doutorado, FE, UNICAMP, Campinas. In: TASSONI, E.C.M. Integrante do Grupo de pesquisa ALLE, p.1.
- DINORAH, Maria. **O Livro Infantil e a Formação do Leitor**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.
- FONTANA, R.C. **Mediação pedagógica na sala de aula**, Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- FOUCAMBERT, Jean. **A Criança, o Professor e a Leitura**. São Paulo: Ed. Artmed, 1989.

\_\_\_\_\_ **A Leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Ed. Cortez, 1984, p.90.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 35-80.

GOODMAN, K.S. **O Processo da Leitura.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1987.

GOULEMOT, In: CHARTIER, R. **Prática de Leitura.** São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1996, p.111.

GROTTA, E.C.B. **Processo de Formação do Leitor:** relato e análise de quatro histórias de vida. Dissertação de Mestrado, FE, UNICAMP, Campinas, 2000, In: LEITE, 2001, p.132.

KRAMER, S. **A Leitura, a Escrita e a Escola.** São Paulo: Ed. Artmed, 1995, p.31.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura:** Teoria e Prática. Campinas: Ed. Pontes, UNICAMP, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** Série Educação em Ação. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

MANGUEL, A . **Uma história de Leitura.** São Paulo. Ed. Moderna, 1998, p.209.

MARCELINO, Fernanda T. **O professor como orientador de leituras,** Simpro Cultural. Ano 6, n.40. Agosto de 1999.

MAYO, M. **Como contar Crocodilos.** Histórias de Bichos. Ilustrada: Bolam, M. Companhia das Letrinhas.

MEIRELLES, Maria de L. **Leitura-Produção de textos e a Escola.** Ed. Mercado de Letras.

MEIRELLES, Silvinha. **Medo? Todo mundo tem!!!** In: SOARES, M. **Português uma proposta para o letramento: ensino fundamental.** – São Paulo: Moderna, 1999, p. 109.

\_\_\_\_\_. **Medo de que? E como enfrentá-lo?** – São Paulo: Moderna, 1999, p. 116/117.

NOSELLA, M.L.C.D. **A ideologia subjacente aos textos didáticos.** São Paulo. Ed. Moraes, 1980.

POSSANTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** ALB/ Mercado das Letras, 1980, p.20.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo: e outras histórias.** Coleção De Hora em Hora. 40ª edição. Ed. Papyrus, 1983.

\_\_\_\_\_. **A máquina maluca.** Coleção de Hora em Hora. São Paulo: Quinteto Editorial, 1985.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa –1º grau.** Escrita e Texto. São Paulo: SE/CENP, 1988, p.14.

SAVELI, E. de L. **Leitura na escola: as representações e práticas de professores.** Curitiba: Fortun & Granchelli, 2003, p. 53.

⊗ SILVA, E. T. **Leitura e Realidade Brasileira.** Porto Alegre: RS: Mercado Aberto, 1995, p.21.

⊗ \_\_\_\_\_ . **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Ed. Cortez, 1984, p.41.

SILVA, E.T. e ZILBERMAN, R. **Leitura: perspectivas interdisciplinares,** 2ª ed; SP: Ática, 1991.

SILVA, L.L.M. (org.) **Entre leitores, alunos e professores.** Campinas, São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001.

\_\_\_\_\_ In: SAVELI E. de L. **Leitura na Escola: as representações e práticas de professores.** Curitiba: Fortun & Granchelli, 2003, p.48.

SMOLKA, Ana L. R. **Leitura e desenvolvimento da linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SOARES, M. B. **Letramento – um tema em três gêneros.** BH: Ceale/Autêntica, 1998, p.39-44.

TEIXEIRA, V. e outros. Zilberman, R. (org.). **Leitura em crise na Escola.** Série Perspectiva. Porto Alegre – RS: Ed. Mercado Aberto, 1986, p.164.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global Editora, 1990, p.19-24-27.

## ANEXOS

## ANEXO I

### ENTREVISTA

PROFESSORA: PRISCILA CAPELI  
ESCOLA: E.M.F.E. CARLOS DE CARVALHO VIEIRA BRAGA  
CIDADE: VALINHOS  
ANO: 2004-08-09

1- O que é ler para você?

Ler é um processo de compreensão do texto. Este processo envolve as estratégias de decodificação, seleção, antecipação, inferência, checagem e intertextualidade.

2- Por que é importante a leitura na escola?

Penso que a leitura de livros de literatura infantil de qualidade e de outros textos, realizada na escola, é importante pelas seguintes razões:

- possibilita a ampliação do universo dos educandos;
- constitui a autonomia intelectual e as características especificamente humanas dos educandos;
- forma sujeitos que conhecem as diferentes finalidades da leitura e que faz uso delas adequadamente de acordo com os contextos de uso;
- permite a re-significação da relação do educando com o mundo quando abre espaços para sua emancipação;
- permite a compreensão das diferentes razões da constituição das situações de nosso cotidiano.

3- Quais atividades desenvolve com a leitura na sala?

Desenvolvo as seguintes atividades:

- leitura compartilhada;
- ida a biblioteca da escola semanalmente;
- leitura, pelos educandos, de textos curtos tanto em sala como em casa;
- interpretação de textos;
- leitura para que se encontre uma informação;
- leitura para seguir as instruções;
- leitura realizada para aprender algo específico;
- leitura por prazer, sem pretexto;
- leitura de um determinado tipo de texto para, após, transformá-lo em outro tipo;
- leitura para se resolver um desafio.

4- Cite e descreva uma ou duas destas atividades: o que fez, com que frequência, como desenvolve, por quê?

LEITURA COMPARTILHADA

A leitura de livros de literatura infantil de qualidade, diária e realizada pela professora é imprescindível para a formação de leitores e escritores, já que:

\*é através dessa atividade que as crianças podem compreender que a leitura é um processo que nos proporciona prazer e divertimento;

\*as crianças vêem a professora como uma usuária da leitura e entendem que a leitura por ela realizada, na maioria das vezes, não está ligada necessariamente a uma outra atividade, ou seja, a leitura não é um pretexto para outra proposta, mas constitui-se como momento de conhecimento de uma obra de nosso acervo literário.

5- Você acha que as crianças se interessam pela leitura? Como? Por quê?

Sim, penso que as crianças desta turma se interessam pela leitura e gostam de ler. Os indícios que elas apresentam para que eu possa fazer essa afirmação com segurança são os seguintes:

- quando acontece algum imprevisto às terças-feiras (dia que vamos à biblioteca da escola) "cobram" constantemente a ida logo no início do dia seguinte;
- quando decido mudar o horário da leitura compartilhada (que realizo logo que chegamos à sala de aula) demonstram insatisfação e perguntam o tempo todo se o momento da leitura já está próximo;
- trazem livros de casa como sugestão para a leitura compartilhada;
- comentam os livros que emprestaram da biblioteca entre si e de forma espontânea porque não realizo nenhuma atividade desse tipo;
- recorrem à biblioteca da classe constantemente.

6- Os livros de literatura infantil fazem parte do cotidiano de seus alunos em sala de aula? Como? Com que frequência? Por quê?

Sim, como já disse, os livros de literatura fazem parte do cotidiano de meus alunos em sala de aula nos momentos de:

- leitura compartilhada realizada diariamente;
- ida semanal à biblioteca;
- existência de uma estante de livros (biblioteca) em sala de aula;
- na realização de algumas atividades específicas.

## ANEXO II

## Questionário com as crianças

Nome:

---

Idade: \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ meses.

1) Você já estudou em outra escola antes desta?

( ) Sim      ( ) Não

2) O que você está aprendendo na escola?

---

---

---

3) Você lê em casa?

( ) Sim      ( ) Não

O quê? \_\_\_\_\_

4) Sua mãe ou outra pessoa da sua família lê histórias para você?

( ) Sim      ( ) Não

5) Você gosta quando alguém lê histórias para você?

( ) Sim      ( ) Não

6) Você prefere ler as histórias sozinho?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) às vezes

7) O que você gosta de ler? Por que?

---

---

## ANEXO III

### Questionário com os pais

#### Prezados Pais

*Solicito que o questionário abaixo seja preenchido cuidadosamente e que os dados sejam completados de acordo com a realidade, pois o objetivo é que com eles se possa fazer um trabalho que contribua com a melhoria das condições de estudo de seus filhos na escola pública.*

#### Questionário

1) Nome da criança: \_\_\_\_\_

2) Nome do pai e da mãe e grau de escolaridade:

\_\_\_\_\_

3) Quantos livros existem na casa?

0 – 10     11 – 20     21 – 30     31 – 40     mais de 41

Escreva alguns títulos: \_\_\_\_\_

4) Seu filho lê esses livros?     Sim     Não

5) Outras pessoas lêem esses livros para ele?     Sim     Não

6) Há revistas e jornais na casa?     Sim     Não

Quais e como você adquire? \_\_\_\_\_

7) Seu filho se interessa pela leitura?     Sim     Não

Como? \_\_\_\_\_

8) Você conta histórias para seu filho?     Sim     Não

9) Seu filho pega livros para ler?     Sim     Não

Onde?     na escola     na biblioteca da cidade     emprestado de alguém

Desenho das crianças

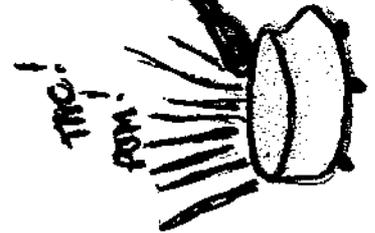
KE: — Prô, eu fiz um vampiro correndo para pegar o sol pra vim à noite.  
 Daí o Vampiro vai correr atrás da lua e das estrelas e só vai sobrar o azul.  
 — O carinha ficou azul de medo, e o Vampiro eu deixei branco porque ele é pálido.



**GA:** — A bruxa e a mula sem cabeça deixa todo mundo com medo, por isso eu desenhei.

É MEDO É.  
É MEDO MÃO.

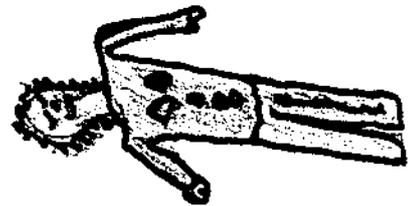
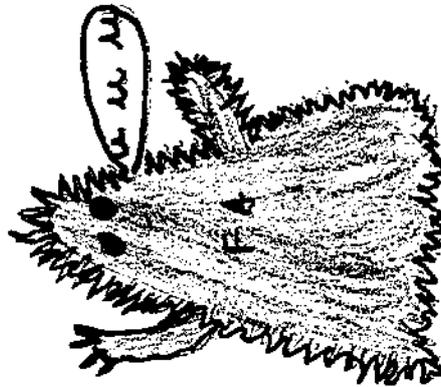
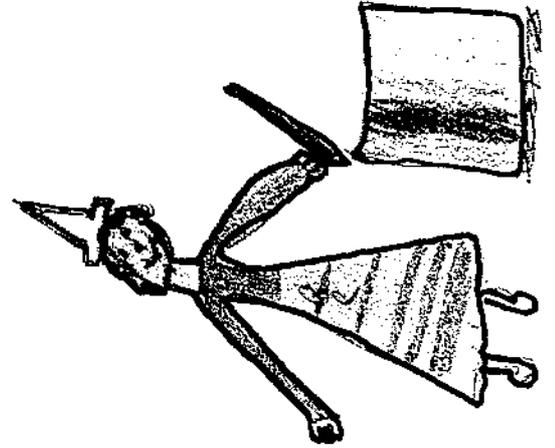
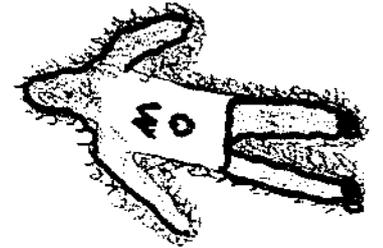
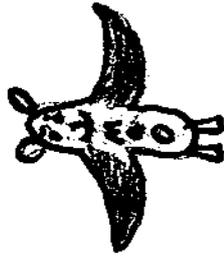
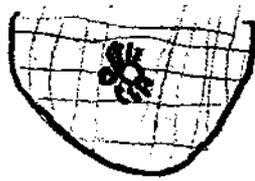
**GA**





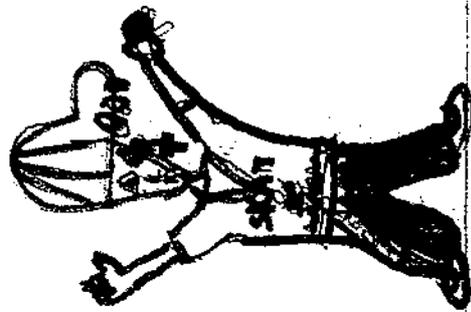
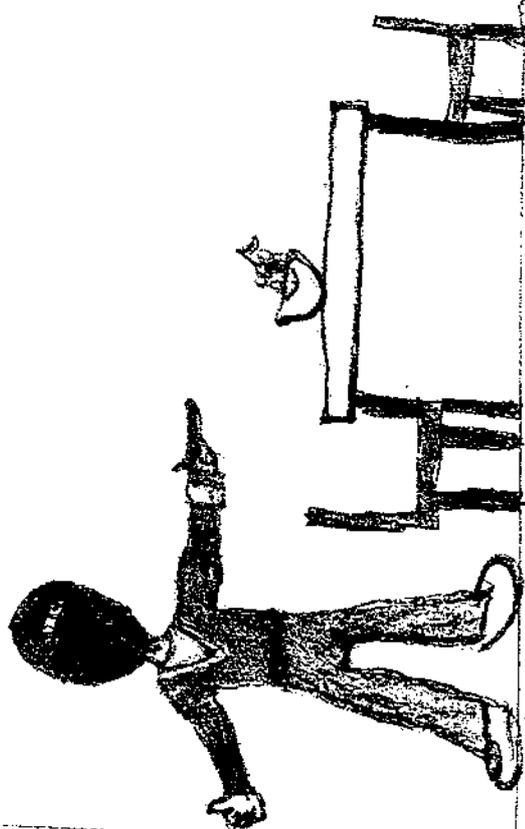
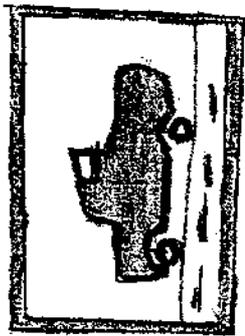
LI: — Eu fiz um fantasma, uma bruxa, um morcego e um monstro elétrico...

Si



DA: — Eu desenhei um assaltante com um revólver na mão, porque isso dá muito medo.

DA



1

1

1